

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LUÍSE AYESA FLÔRES RIBEIRO

**Arte na Educação Infantil:
Planejamento em foco**

São Leopoldo
2019

LUÍSE AYESA FLÔRES RIBEIRO

**Arte na Educação Infantil:
Planejamento em foco**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado pelo
Curso de Pedagogia da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador^a: Prof^a.
Dr^a. Laura Habckost Dalla Zen

São Leopoldo
2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por me fazer ver e compreender que todo sonho se torna possível através do empenho.

Agradeço e dedico este trabalho ao meu amado avô/pai/amigo/companheiro Alvandir Cardoso Flôres (em memória), pela construção do meu caráter, por ser meu primeiro e maior incentivador ao longo de minha jornada estudantil, profissional e pessoal. Agradeço por acreditar em mim, me apoiar e me ensinar a ver o melhor da vida. Não há palavras que expressem todo o meu amor; saudades e eterna gratidão por ter passado 26 anos ao seu lado.

Muito obrigado ao meu marido Éder Rodrigo, pelo apoio e compreensão durante esta trajetória acadêmica. Agradeço à minha filha Alice Vitória, por me tornar um ser humano melhor e por ainda ser meu maior impulso para crescer e ampliar meus conhecimentos.

Agradeço aos meus pais Janice e Abel, pelos muitos finais de semana em que cuidaram, amaram e se dedicaram à minha filha, enquanto eu mergulhava em intensos dias e noites de estudo.

Agradeço à minha Avó Ione, por não me deixar desanimar, me dar a mão nos dias difíceis e me erguer constantemente. Você também faz parte desta vitória.

À minha orientadora, professora Dr^a Laura Habckost Dalla Zen, a qual consegui convencer a me orientar após muita insistência. Tenho certeza de que foi uma das melhores escolhas que fiz na vida. Agradeço por sua dedicação, paciência e sensibilidade por me conduzir no tema escolhido. Agradeço por cada encontro em que me ensinaste algo novo, por me instigar, me instruir e, acima de tudo, por me “empoderar” como pesquisadora.

Por fim, quero agradecer a todos os professores e professoras da Unisinos, pois cada momento de aprendizagem que vivenciei dentro desta instituição junto a eles fez com que eu tivesse a certeza que esta é a profissão que quero exercer!

A todos os que fizeram parte, meu muito obrigada.

As intervenções dos professores são no sentido de ampliar o modo de ver, de registrar e imaginar o mundo. Para as crianças, o criar, que está em todo seu viver e agir, é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda, principalmente, a si mesma.

(CUNHA, 2017, p. 21).

RESUMO

O presente trabalho tem como foco a relação entre planejamento, Artes Visuais e Educação Infantil. Para tanto, delineou-se como objetivo principal investigar o lugar ocupado pelas Artes Visuais no planejamento de professoras no contexto da Educação Infantil. Inicialmente, buscou-se compreender: (1) que princípios orientam hoje o currículo da Educação Infantil; (2) de que modo as Artes Visuais se inserem neste currículo; e, por fim, (3) como as Artes Visuais são incluídas no planejamento da Educação Infantil em uma Escola Municipal de Educação Infantil de São Leopoldo. Como subsídio teórico para embasar a discussão, diferentes autores foram mobilizados, dentre os quais destaco: Luciana Ostetto (2012), Susana Rangel Vieira da Cunha (2017) e Marita Martins Redin (2017). As autoras, em especial, abordam, em suas pesquisas, as múltiplas relações entre arte, aprendizagem e infância. A presente investigação, por sua vez, constitui-se como uma pesquisa qualitativa exploratória, tendo como base metodológica o processo de bricolagem, a partir da produção de dados gerada. Por meio da análise desses dados, foi possível identificar o perfil das professoras, em relação à sua experiência profissional com a educação infantil e sua formação acadêmica, bem como no que diz respeito, especificamente, nas informações que, elas expõem sobre não privilegiar formações e cursos sobre arte, inclusive não evidenciando o interesse pela inclusão de atividades culturais em seu cotidiano. Ainda que elas estejam contempladas, sua inserção, ao que tudo indica, está mais relacionada ao desenvolvimento das crianças, seja ele motor, social, cultural ou associada ao trabalho com outras temáticas. Isto é, não fica evidenciado um tratamento às Artes Visuais como campo de conhecimento.

Palavras-chave: Planejamento. Artes Visuais. Educação Infantil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tempo de carreira na Educação Infantil	36
Figura 2 - Faixa-etária que as professoras atuam.....	36
Figura 3 - Horais semanais de trabalho	37
Figura 4 - Formação acadêmica.....	38
Figura 5 - Contato com a arte na trajetória acadêmica	39
Figura 6 - Opinião das professoras sobre a função da arte	43
Figura 7 - Planejamento em arte	45
Figura 8 - Criança em contato com a tinta	48
Figura 9 - Borboleta na natureza.....	48
Figura 10 - Desenho infantil	49
Figura 11 - Quadro de parede	49
Figura 12 - Varal com atividades artísticas.....	50
Figura 13 - Pátio escola de educação infantil.....	50
Figura 14 - Representação de uma história em desenho.....	51
Figura 15 - Mesa com desenhos infantis espalhados	51
Figura 16 - Qual a melhor definição do planejamento para você?	56
Figura 17 - A arte na Educação Infantil.....	58
Figura 18 - Arte no planejamento	60
Figura 19 - Atividades Artísticas na Educação Infantil	61
Figura 20 - Atividade pedagógica envolvendo a arte	62

SUMÁRIO

1.	DA PAIXÃO À PESQUISA.....	7
2.	CURRÍCULO E PLANEJAMENTO EM ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL ..	13
2.1	Currículo na Educação Infantil.....	15
2.2	ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	18
2.3	ARTE EM PLANEJAMENTO	26
3.	BRICOLANDO	31
4.	PLANEJAMENTO EM FOCO	35
4.1	SOBRE QUEM PLANEJA.....	35
4.2	O LUGAR DA ARTE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	39
4.3	O (NÃO) LUGAR DA ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO	43
4.4	O LUGAR DOS MATERIAIS NÃO ESTRUTURADOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	53
4.5	PLANEJAMENTO EM FOCO	56
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS.....	67

1 DA PAIXÃO À PESQUISA

O tema desta pesquisa foi definido devido às inquietações referentes ao campo da Arte, que surgiram ao longo do curso de Pedagogia, na Universidade do Vale do Sinos – Unisinos; inquietações estas advindas de uma aluna cheia de ideias, sonhos e esperanças por dia mais alegres através, por que não?, do contato com a arte. Nesse sentido, minha aposta é na arte como potência dentro do espaço escolar, sobretudo no contexto da Educação Infantil.

Posso dizer que sou uma aluna de graduação movida por duas paixões, tendo meu coração dividido entre a licenciatura em Pedagogia e a licenciatura em Artes Visuais, cursada na modalidade a distância em outra instituição. Meu mundo, igualmente, divide-se entre razão e emoção, entre sentir e refletir, entre o pertencer e o estar. Essas são, para mim, palavras que posso trazer como disparadores para explicar a integração dos meus estudos no que diz respeito à Arte e à Pedagogia. Cada campo do conhecimento já traz consigo, de modo intrínseco, o seu valor, mas, quando articulados, acredito eu, eles podem transformar a educação em algo ainda mais comprometido, neste caso, com a singularidade de cada criança.

Acredito que pensar sobre a arte, em um curso de Pedagogia, tende a favorecer a construção de conhecimentos sobre o mundo de maneira ampla, levando em consideração que as linguagens artísticas são uma estrada de mãos múltiplas, pois elas conseguem propiciar experiências que atuam no desenvolvimento motor, emocional e individual, aprimorando os modos de ser e ver das crianças. Para que o trabalho seja profícuo, porém, é imprescindível que os professores estejam cientes e mesmo sensibilizados quanto à maneira própria de as crianças verem e se relacionarem com o mundo, o qual é, obviamente, diferentemente daquele objetivado pelo adulto.

Recordo-me sobre as falas da professora Marita, que traziam, constantemente, a pertinente questão sobre a finalidade, o intuito e a intencionalidade inerente à cada proposta pedagógica: para quê e como aquilo que estou propondo no planejamento da Educação Infantil auxiliará a criança em seu desenvolvimento. Paralelamente às reflexões realizadas em aula, sentia, de certo modo, um sentimento de impotência, por estar trabalhando em uma escola de Educação Infantil comunitária de São Leopoldo, onde a maior parte das professoras

valia-se de materiais prontos, a partir dos quais as crianças conseguiam se expressar “o menos possível”, visto que o principal objetivo das atividades era que elas ficassem bonitas esteticamente.

Embora a estética também me mobilizasse como professora, carregava comigo a persistência para mudar algumas verdades que tinha como absolutas. Uma delas era a de que os trabalhos realizados pelas crianças ficavam melhores esteticamente quando utilizava modelos prontos, assim como materiais tradicionais, como pincel, tinta, giz, e tinta têmpera. Aos poucos, fui desconstruindo essas verdades, investindo no uso de materiais diversificados e favorecendo diferentes espaços de criação.

Em alguns momentos do estágio, me decepcionei, achando não estar no caminho certo. Será que o que eu costumava fazer antes não gerava resultados melhores? Entretanto, ao longo do processo, fui percebendo, ao observar as crianças criando e falando, o quanto elas estavam envolvidas com as experiências pedagógicas proporcionadas por mim. Aos poucos, notei o quanto as propostas aguçavam suas percepções e sensibilidade e, especialmente, o quanto elas estavam felizes mediante o contanto com a arte, que é, justamente, o que hoje me emociona e me impulsiona a investir em uma pesquisa na área. Será mesmo que não há experiências semelhantes em outras salas? Será que não podemos criar espaços na escola para o compartilhamento dessas pequenas felicidades, oriundas dos trabalhos com as Artes Visuais? Ou, ainda, como eu posso contagiar outras colegas a partir desta que é uma aposta minha?

Compreendi que, na Educação Infantil, as crianças não precisam de brinquedos caros, materiais estruturados e um sem número de atividades em um único dia. Elas precisam de respeito em relação ao precioso tempo da infância, necessitam da escuta atenta e de um olhar perceptivo às suas necessidades. Assim sendo, será que essas dimensões têm sido contempladas no planejamento de uma escola de Educação Infantil? Esta é, justamente, a contribuição que esta investigação pretende trazer.

Da mesma forma, é importante criar espaços que instiguem a criatividade das crianças no momento do planejamento, a fim de que elas possam ultrapassar os estereótipos usualmente ofertados na televisão, nas mídias em geral, em casa ou em outros espaços sociais nos quais eles se fazem presentes. Com isso, evita-se, entre outros aspectos, um repertório infantil restrito a modelos prontos e, na maioria

das vezes, estereotipados. Para tanto, cabe ao professor observar os detalhes, perceber as formas e os registros que as crianças fazem do que encontra ao seu redor, pois é esse olhar que pode contribuir para o desenvolvimento e a exploração do imaginário delas.

Do mesmo modo, acredito ser fundamental, ao se falar em atividades pedagógicas com crianças, estabelecer uma conexão com alguns conceitos, tais como: experiência, criação, invenção, entre outros, tão necessários de serem explorados pelos professores da Educação Infantil. Ao entendermos a criação de uma criança como um momento de experiência, de descobertas e de exploração de sentidos, por exemplo, podemos potencializar suas aprendizagens e atribuição de significados, estimulando-as a se tornarem sujeitos criativos, espontâneos e com diferentes manifestações de linguagens.

No entanto, se desejamos que as crianças se desenvolvam por meio de diferentes linguagens, é indispensável que paremos para refletir sobre os diferentes materiais que podemos ofertar, a organização dos espaços e o planejamento fundamentado e intencional de cada proposta. Essas dimensões são imprescindíveis para aguçar a curiosidade das crianças, instigando a investigação e criando condições para que elas explorem de diferentes maneiras o que é oferecido.

Saber olhar para a criança e suas criações de modo atento e respeitoso também contribui positivamente para sua livre expressão, sendo importante destacar que o planejamento precisa prever espaços para este tipo de observação. Isto é, ressalta-se, desde já, a importância do planejamento na Educação Infantil como parte necessária para se constituir um ponto de referência, favoreça a aprendizagem das crianças e oriente o professor. Como observa Redin, “um planejamento é válido quando nos ajuda a intervir pedagogicamente, quando se torna presente, quando dá visibilidade às nossas observações e avaliações por meio de registros, diários de bordo, de campo”. (2017, p. 26).

Assim sendo, penso ser de extrema importância a exploração de planejamentos criativos e o uso de materiais diversificados, a fim de proporcionar às crianças momentos de criação, através da leitura de mundo que elas trazem consigo. A partir desses momentos, elas podem significar e mesmo ressignificar o que é peculiar aos seus olhos. Igualmente, ao se possibilitar espaços de criação livres de estereótipos, a criança amplia seu repertório imaginativo; sem falar na

própria constituição da sua linguagem gráfico-plástica que, aos poucos, vai se fragmentando.

É importante, nesse sentido, partir do pressuposto de que cada criança tem capacidade para criar e expor suas linguagens gráfico plásticas; porém, faz-se necessário que o professor faça as devidas intervenções para que ela consiga realizar e potencializar seu processo de criação. Cabe ao professor, neste caso, encaminhar e disponibilizar atividades e materiais que deixem a criança livre para criar. Um simples elogio à criação da criança já pode ser considerando uma intervenção, a fim de que a criança se sinta confiante a fazer o que tem vontade, dedicando-se ao que foi proposto.

Preocupo-me, ainda, com a pós-criação, pois, em razão da minha experiência de oito anos trabalhando em escolas de Educação Infantil, infelizmente, tive a oportunidade de observar colegas de profissão concebendo as atividades desenvolvidas pelas crianças apenas como parte integrante do portfólio. Ou seja, mesmo após vivenciarem uma experiência diferenciada, significativa para as crianças, não raras as vezes, observei professoras pegarem os trabalhos e, imediatamente, guardarem dentro de uma pastinha, com o único propósito de enviar aos pais no final do semestre. Com isso, de certo modo, desvaloriza-se o processo de criação, podendo deixar a criança com o sentimento de que aquele era apenas mais um trabalho entre tantos outros que ela iria realizar.

Diante disso, acredito que os trabalhos de criação artística das crianças precisam ser expostos, para que tenham a noção de reconhecimento e valorização das suas produções. Afinal, o contato com as Artes Visuais constitui para elas uma atividade total, englobando um conjunto de potencialidades e necessidades, por meio da qual elas se expressam à sua maneira, o que é de suma relevância para o seu desenvolvimento emocional, físico e psíquico. O envolvimento da criança com a experiência de criar é uma das principais formas de aguçar o imaginário, exigindo dos professores tempo e paciência para que a ela consiga “brotar” e, assim, “florescer”.

É, pois, diante dessas apostas e, principalmente, pelo **reconhecimento do papel que as Artes Visuais podem ocupar na Educação Infantil**, que o problema desta pesquisa de delinea. Desse modo, proponho-me a investigar: **Qual o lugar dado as Artes Visuais no planejamento de professores da Educação Infantil?** Esta pergunta, por sua vez, desdobra-se nos seguintes objetivos: as questões

relacionadas com os princípios que orientam o currículo da Educação Infantil, a maneira como as Artes Visuais se inserem neste currículo. E, por fim, como as Artes Visuais são incluídas no planejamento da Educação Infantil em uma Escola Municipal de Educação Infantil de São Leopoldo

Tendo como ponto de partida as questões acima, busquei realizar o trabalho como a intenção de explorar as diferentes formas e metodologias que as professoras¹ utilizam em seu planejamento diário, com vistas ao trabalho com as Artes Visuais. Para tanto, oito professoras atuantes em uma escola de Educação Infantil do município de São Leopoldo contribuíram de forma generosa com o estudo, ao compartilharem seu trabalho com as crianças, seja por meio de imagens, seja através do preenchimento de um questionário, cujas reflexões advindas deles foram reunidas em um processo de bricolagem. Nesse sentido, aproveito para sinalizar que a metodologia escolhida para a organização dos dados foi a bricolagem, uma exploração de cunho qualitativo.

A metodologia de bricolagem aparece, aqui, como um disparador para a articulação de saberes com a prática, oportunizando voltar nosso olhar para o objeto de pesquisa, qual seja: o planejamento das Artes Visuais na Educação Infantil.

Vale ressaltar que o tema se tornou de extrema relevância para mim quando realizei o estágio obrigatório de Educação Infantil II do curso de Pedagogia, em que a professora Marita Martins Redin possibilitou, a um só tempo, uma visão frente à importância de se acreditar na criação das crianças e no potencial que elas têm, em especial as de dimensão artística, e a importância de as professoras da Educação Infantil **acreditarem, possibilitarem e potencializarem** essas criações.

Para tanto, o trabalho foi estruturado em cinco capítulos, sendo que, no primeiro, apresento minhas motivações, fazendo as devidas relações com a definição do problema de pesquisa. No segundo capítulo, trago uma discussão teórica acerca do tema, abordando, especificamente, o currículo na Educação Infantil e o papel das Artes Visuais nesta etapa, e finalizando com o uma discussão sobre o planejamento em arte. Já no terceiro capítulo, apresento a metodologia da bricolagem, que guiou a organização dos dados deste trabalho, bem como descrevo o percurso para a produção desses dados. O quarto capítulo, por sua vez, notadamente analítico, compreende as reflexões suscitadas pelo trabalho de campo.

¹ Refiro-me a professoras devido à predominância de gênero.

O documento finaliza, por fim, com as considerações que julguei pertinentes, no que tange a esta trajetória investigativa.

2. CURRÍCULO E PLANEJAMENTO EM ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, apresento concepções de currículo, levando em consideração que há diferentes formas de se compreendê-lo. Da mesma maneira, dou especial atenção para a ideia de currículo no contexto da Educação Infantil.

Inicialmente, é fundamental entender que o currículo é visto como a apresentação de conhecimentos que favorecem a assimilação e reconstrução de novos saberes. Seu principal objetivo seria, notadamente, o de construir conhecimentos visando à organização dos espaços, tempos e aprendizagens, sendo considerado uma estrutura de resultados pretendidos.

O currículo constitui significativo instrumento utilizado por diferentes sociedades tanto para desenvolver os processos de conservação, transformação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados como para socializar as crianças e os jovens segundo valores tidos como desejáveis. Em virtude da importância desses processos, a discussão em torno do currículo assume cada vez mais lugar de destaque no conhecimento pedagógico. (MOREIRA, 1997, p.11).

Em sua fala, Moreira traz uma noção de currículo como sendo um instrumento de apoio ao desenvolvimento do conhecimento pedagógico, uma vez que ele faz parte de diferentes tipos de práticas, que não podem ser reduzidas apenas a ações, mas concernentes a um processo que envolve pessoas, dimensões e conhecimentos múltiplos.

Currículo é um(...) um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal –ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. (SILVA, 2005, p. 8).

Observa-se, ainda, que a ideia de currículo envolve a apresentação de conhecimentos, incluindo um conjunto de experiências que contribuem para a possibilidade de se enriquecer a perspectiva da teoria e do pensamento. Nesse sentido, o currículo produziria diferentes efeitos em relação à sua identidade, pois o mesmo apresenta diferentes nortes e concepções, dependendo a partir de qual

“lugar” se está olhando. Por isso mesmo a significação do currículo propriamente dita em palavras está relacionada à ideia de uma prática social, ou seja, a um dispositivo de relações, valores e modos de ser sujeito; assim sendo:

Ao conceber um currículo como uma linguagem, nele identificamos significantes, significados, sons, imagens, conceitos, falas, língua, posições discursivas, representações, metáforas, metonímias, ironias, invenções, fluxos, cortes... assim como o dotamos de um caráter eminentemente contracionista. (CORAZZA, 2001, p. 9).

Podemos dizer, também, que o currículo é uma linguagem que dispõe de expectativas para justificar a diversidade das respostas em relação à organização dos resultados que queremos alcançar, mediante objetivos previamente definidos. É um funcionamento que implica em pensar a finalidade das propostas que se pretende conduzir; isto é, um currículo é o que dizemos e fazemos com ele, por ele e nele.

A partir desta perspectiva, compartilho com a ideia de que o currículo seja um dispositivo em que se concentram as relações entre os saberes e a prática, ao propor uma articulação dos conhecimentos através de um mediador. Segundo Moreira, “currículo é necessariamente um conjunto de escolhas e uma seleção da cultura. É uma seleção de um conjunto mais amplo de possibilidades”. (2004, p. 24). Sim, são escolhas, mas, igualmente diz respeito a possibilidades, por se tratar de um processo contínuo de construção, de visões individuais e, ao mesmo tempo, de visões coletivas, que acabam se conectando para a construção de uma identidade composta por produção de conhecimento e subjetividade.

É necessário, ainda, pensar sobre o currículo no ambiente escolar, levando em consideração que o mesmo auxilia os professores a refletirem sobre o que vai ser apresentado à turma, as metodologias utilizadas para desenvolver o pensamento dos alunos, bem como a variação de cada um em relação a construção do conhecimento.

A partir, assim, da compreensão destas múltiplas dimensões, é possível construir um significado para o currículo no ambiente escolar através de intenções e formas de organização do trabalho pedagógico, a fim de que haja uma consolidação da prática pedagógica, privilegiando o cuidar e o educar. Afinal, o ambiente escolar é um espaço privilegiado de construção do conhecimento, e o currículo colabora, justamente, na organização dessa construção.

2.1 Currículo na Educação Infantil

A partir do entendimento de currículo um ponto de partida e um ponto de chegada, faz-se necessário expandir o convite à reflexão sobre o modo como ele é mobilizado na Educação Infantil, na medida em que esta etapa pressupõe particularidades impossíveis de se serem desconsideradas. Inicialmente, é importante mencionar que essa discussão é relativamente nova, que foi se desenvolvendo a partir da influência da proposta de Reggio Emília, na Itália. Nesta perspectiva, a criança é considerada um sujeito social, que contribui nas experiências de contato com o conhecimento, trazendo constantes questões pertinentes para serem dialogadas. Nesse sentido, ao se falar em currículo na Educação Infantil, o fazemos privilegiando o fazer e o agir das crianças.

Na indicação nacional italiana de 1991 e posteriormente a de 2012, encaminha-nos possibilidades produtivas para compreender uma ideia de currículo na escola de Educação Infantil como um contexto fortemente educativo, que estimula a criança a dar significado, reorganizar e representar a própria experiência. (FINCO, 2015, p. 228).

Sendo assim, o currículo, no contexto da Educação Infantil, deveria propor uma base sólida, com vistas a favorecer os campos de experiência. A partir dele, seriam organizados modos para que as crianças aprendam através da exploração, do contato com a natureza, com os colegas, com a arte, com o lúdico, bem como com o meio que estão inseridas. Da mesma forma, ao compreendermos o currículo como um caminho de conhecimento, no qual se faz necessário trabalhar as múltiplas linguagens da criança, buscando desenvolver suas capacidades, autonomia e conhecimentos científicos, é possível afirmar:

[...] na organização do currículo de uma escola de Educação Infantil, cientes dos interesses, das necessidades, em cada contexto natural e sociocultural, temos que definir com clareza os objetivos do trabalho que iremos desenvolver junto a elas e abrir um amplo leque de experiências que lhes possibilitem produzir, transformar e se apropriar de saberes e conhecimentos da natureza e cultura. Esse leque de possibilidades se constituirá numa referência constante para organização da prática pedagógica de cuidar das crianças e de educa-las. (FARIA, 2012, p. 73).

A prática pedagógica do currículo na Educação Infantil precisa, portanto, voltar seu olhar para a criança, sendo ela o ponto de referência para as propostas

elaboradas. A criança deve ser o começo, o meio e o fim, para que possamos, justamente, potencializar suas experiências para a ampliação de novos saberes. Nesse sentido, penso que uma das formas das professoras da Educação Infantil conseguirem concretizar o currículo seja por meio de suas ações metodológicas. Essas ações incluem posturas, atitudes, estratégias e procedimentos. Ou seja, grande parte da responsabilidade do educador é refletir, planejar, organizar e criar situações que promovam o desenvolvimento integral das crianças, através da mediação entre a criança e o conhecimento. Sobre isso, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil apontam:

Currículo é um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (DCNEI, 2010, p.12).

É importante destacar, igualmente, o principal documento que hoje rege a Educação Infantil, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Nele, é possível evidenciar que é por meio do currículo que os professores trabalham com a intenção de seleção de práticas, articulando as experiências e os saberes das crianças e reunindo elementos para organizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos das crianças.

A Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil apresenta uma organização curricular estruturada em cinco campos de experiências, quais sejam: (1) **O eu**, o outro e o nós; (2) **Corpo**, gestos e movimentos; (3) **Traços**, sons, cores e formas; (4) **Escuta**, fala pensamento e imaginação; e (5) **Espaços**, tempos, quantidades, relações e transformações. Neste momento, porém, gostaria de direcionar a atenção do leitor ao terceiro campo de experiência, na medida em que ele está relacionado diretamente ao tema da pesquisa.

Traços, sons, cores e formas – conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita a criança, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as Artes Visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia, etc.) Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços gestos, danças, mímicas, encenações, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. (BNCC, 2016).

É incontestável dizer que as Artes Visuais na Educação Infantil contribuem, desde muito cedo, para que as crianças desenvolvam o conhecimento do mundo, de si próprias e do outro, através de repertórios e vivências artísticas. Ou seja, as Artes Visuais favorecem a sensibilidade e a criatividade, mas, acima de tudo, potencializam a singularidade de cada criança. Assim sendo, o currículo da Educação Infantil compreende as Artes Visuais como sendo um dos campos de experiência em que a criança necessita vivenciar interações. Isto é, por meio dessas interações com a arte que podemos contribuir com a constituição subjetiva de cada criança, ao considerá-la como um sujeito que tem desejos, opiniões, capacidade de sentir, inventar e se expressar.

Assim, a forma como a criança vai se expressar, apreciar e compartilhar significados por meio da linguagem visual, vai depender de suas experiências de vida, bem como do conhecimento dos signos, símbolos, suportes, materiais, instrumentos e procedimentos próprios dessa linguagem. Além disso, e principalmente, vai depender do repertório que ela foi construindo a partir de seu acesso ao acervo artístico, histórico e cultural em artes e das experiências estéticas que lhe foram proporcionadas. Isso significa que quanto mais oportunidades as crianças tiverem de se defrontar com obras de arte, apreciando-as, observando-as de diferentes ângulos, dialogando com elas, deixando que seus sentimentos e sensações falem mais alto, mais imagens e mais cores irão compor seu repertório artístico. (FARIA, 2012, p.147).

Acredito, “com todas minhas forças”, que a arte é esse misto de potência, entre o sentir, o interagir e o refletir sobre as experiências que vivenciamos através dela. E o currículo tem, justamente, o papel de garantir às crianças o compartilhamento de experiências referentes, entre outros aspectos, às Artes Visuais, criando formas para dar significado ao que for sensível às crianças. O currículo aborda as Artes Visuais como uma linguagem, pois é através da exploração e da experimentação que as crianças desenvolvem sentidos e reflexões, neste caso, diretamente relacionados ao fazer artístico.

Pensar a arte no currículo nos abre a possibilidade de romper com o paradigma de uma educação artístico-cultural exclusivamente baseada em práticas tradicionais, como pintar um desenho e guardá-lo, como usar apenas o pincel com tinta têmpera ou, ainda, como criar algo apenas no espaço da folha de ofício. Ao romper com este paradigma, temos o compromisso de proporcionar às crianças

experiências baseada em uma concepção de arte mais ampla, levando as crianças em direção ao exercício de olhar, sentir e escutar as linguagens artísticas.

A partir desta reflexão, em que foram reunidas concepções de currículo com foco em seu entendimento na Educação Infantil, é possível apostar em uma presença mais potente da arte, especialmente das Artes Visuais, nesta etapa da Educação Básica. Penso que, embora a passos lentos, estamos caminhando em direção a uma educação do sensível na Educação Infantil, de modo a construirmos uma infância de afeto, conhecimento e ações pedagógicas, recheadas de oportunidades de contato com experiências artísticas, que promovam o desenvolvimento das diferentes linguagens e potencialidades das crianças.

2.2 ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A principal argumentação desta seção se sustenta na ideia de que a arte é um potencial exploratório que abrange diferentes oportunidades de sentir, ver e pensar o mundo. Para tanto, porém, faz-se necessária uma prática pedagógica atenta às necessidades e aos interesses das crianças, no que diz respeito ao fazer, experimentar e inventar através da arte. A presença da arte no espaço escolar propriamente dito é uma referência que nos auxilia a produzir sentidos, análises e perspectivas em relação à nossa visão de mundo e a concepções que carregamos conosco. Podemos dizer, ainda, que se trata de um aprendizado praticamente sem limites.

Em se tratando de arte, o aprendizado é interminável. Há sempre novidades a descobrir. As grandes obras de arte parecem diferentes cada vez que nos postamos diante delas. Parecem ser tão inexauríveis e imprevisíveis quanto seres humanos de carne e osso. É um universo instigante em si mesmo, com suas próprias e estranhas leis, suas próprias aventuras. (GOMBRICH, 2018, p. 33).

Pode-se afirmar, ainda, que a arte, dentro ou fora da escola, é um sistema de representação que reflete concepções, visões e teorias. Arte é uma forma singular de as pessoas refletirem sobre o mundo; é uma maneira de se comunicar através das linguagens artísticas, uma poesia sobre significados, fazer artístico e transformação. Trata-se de um eterno diálogo entre formas de imaginação e sensibilidade. Através dela, podemos captar linguagens, ampliando nosso repertório

cultural, conhecimentos e relações do sensível com a nossa realidade, sendo um modo singular de se relacionar com as coisas do mundo.

Assim, a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.... Ensinar arte significa articular três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/analise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente. (MARTINS, 2010, p.12).

Nesse sentido, trata-se de uma reflexão não apenas sobre o papel da arte na escola, mas sobre a importância de potencializarmos as linguagens artísticas neste espaço privilegiado de construção do conhecimento. Para tanto, é preciso que a arte seja compreendida não apenas como atividade social, mas como um modo cultural de conhecimento, a partir do qual se aprende através de experiências e significações. Assim sendo, é de extrema importância pensar em uma arte flexível, que ofereça relações com outros saberes, abrangendo os conhecimentos das crianças, mediante experiências que favoreçam e proporcionem diferentes formas de expressão.

Artes Visuais são uma forma que a criança tem de expressar-se com sua visão de mundo e com isso desenvolver-se nas dimensões afetiva, motora e cognitiva, utilizando as diferentes linguagens artísticas que compõem as Artes Visuais, tendo a oportunidade de construir, criar, recriar e inventar, tornando-se um sujeito ativo e crítico na sociedade. (SILVA, 2010, p.102).

As palavras do autor deixam clara a necessidade de as pedagogas trabalharem com propostas pedagógicas que tragam a expansão do pensamento artístico das crianças, possibilitando a elas subsídios para que possam demonstrar suas formas de pensar e agir sobre o mundo, em virtude, justamente, de a arte ser uma forma de expressão. Ao falarmos da arte na Educação Infantil, especificamente, estamos refletindo sobre a expressão plástica da criança, suas peculiaridades, mas também sua totalidade, levando em consideração as diferentes e possíveis formas de linguagem que a criança se apropria ao ter contato com a arte, mostrando, através delas, suas concepções de mundo.

Trabalhar com a arte na Educação Infantil, portanto, vai além de ensinar ou mostrar caminhos. Trata-se, antes, de um compromisso com a educação através da

arte: é o ser/estar voltado à questão do sensível; é a responsabilidade de sair da folha de ofício, deixar de lado a mesmice de sempre (lápiz de cor, canetinha, giz de cera, tinta e pincel) e possibilitar novas experiências com materiais nunca utilizados; é ampliar a visão das crianças e questionar o que sentem; é deixar que se encantem com suas produções artísticas; é, ainda, o próprio incentivo ao processo artístico das crianças.

Sensibilizar o movimento, o olhar e a escuta do professor contribuirá, sobretudo, para torná-lo um sujeito mais aberto e plural, mais atento ao outro; ampliara seu repertório e, conseqüentemente, seu acervo para criação- uma vez que só se cria a partir da combinação de elementos diversos que se tenha, tornando sua prática mais significativa e criativa. (OSTETTO, 2004, p. 23).

Sublinha-se, assim, a importância de os professores da Educação Infantil desenvolverem este tipo de experiência da ampliação de repertório da criança, através de propostas por meio das quais ela possa construir sua identidade, mostrando suas vontades, anseios e angústias. É importante favorecer as ações de produção artística, de modo a valorizar o fazer da criança, tornando-os sujeitos criativos, que participem de propostas diferenciadas, para que possam expandir seus pensamentos e imaginação por meio do processo de criação.

Assim como os adultos, as crianças também têm a necessidade de serem instigadas para criar. Muitas vezes, os professores disponibilizam diferentes materiais, mas falta aquele “pequeno detalhe” de desafiar a criança a ir além, aguçando sua imaginação ao questionar, por exemplo: você quer colocar algo diferente ou novo em sua produção?

Entende-se, igualmente, que, para que a criança consiga criar é preciso oferecer tempos e espaços oportunos para isso, deixando-as livres para que explorem materiais e produzam o que têm vontade, sem direcionamentos excessivos por parte dos professores, como o famoso pedido para que desenhem um “sol amarelo”. Ainda que os incentivos e provocações sejam importantes, as crianças precisam de liberdade de expressão e não de um controle frente ao seu processo artístico.

Ao elaborarmos as propostas de arte para as crianças, é importante pensarmos: a arte ultrapassou a tela branca, as folhas de papel, a forma retangular, abrindo-se a várias possibilidades do uso de materiais e espaços. Alerta-se que purpurina, lantejola, EVA tem com poucas

possibilidades expressivas, embora um certo modismo de seu uso nas escolas. É importante rever o uso desses materiais e seus espectros expressivos. (CUNHA, 2017, p. 21).

Em relação às propostas de arte e aos materiais propriamente ditos, podemos afirmar que se faz necessária uma intensa reflexão, sobretudo em razão da forte presença do uso tradicional de materiais por vezes bastante restritos. As listas escolares costumam ser básicas, resumidas a lápis de cor e tinta têmpera, o que acaba limitando os espaços de criação artística na escola. As crianças, em algum momento, acabam perdendo o interesse em razão da própria repetição de propostas e materiais, do mais do mesmo.

Formas aleatórias, cores e texturas diferentes dos papeis desencadeiam os processos de criação. O toque de uma superfície muito lisa ou áspera, uma cor inusitada ou uma forma que lembra um cachorro correndo servem para impulsionar a imaginação das crianças. Notamos que não era necessária uma indicação temática para que elas se “ligassem” ao trabalho. Ao contrário observamos que instigá-las as descobertas em relação aos materiais, pesquisa-los, entende-los descobrir suas possibilidades pode ser a via pela qual elas expandem suas linguagens plásticas e singularizam modos de expressar pontos de vista. (CUNHA, 2017, p. 22).

Quanto mais inusitado e diferente dos padrões é o material oferecido, mais curiosidade a criança terá em descobrir as potencialidades de seu uso. A “simples” troca dos pincéis por pedaços de papelão ou lã já produz efeitos neste sentido. A criança tende a explorar diferentes formas de usá-los, ultrapassando os limites da criatividade e descobrindo, com isso, novas formas de pintar para além do uso do pincel.

Lembro, ainda, da importância de se prestar atenção na criação e expressão do que as crianças produzem, sendo esta uma forma de os professores da Educação Infantil as conhecerem melhor. Além disso, a observação atenta e sensível favorece a formulação de novas propostas pedagógicas.

Partindo-se dessa concepção, cabe aos professores de Educação Infantil acreditar no potencial criativo das crianças. Em vez de observar o desenvolvimento artístico espontâneo, alimentar sua gênese, ou seja, conhecer como a criança passa de um momento do seu saber artístico para outro mais avançado. Em outras palavras, os professores precisam considerar a relação entre ensino e aprendizagem para planejar as interações que promovem o potencial de criação artística dos alunos. (CUNHA, 2010, p. 33).

A intenção aqui, porém, não é avaliar a produção artística da criança, mas valer-se deste momento como forma de conhecimento do sujeito que cria, na medida em que garantimos à criança o protagonismo de sua produção. A produção artística autoral é, assim, uma oportunidade de o professor reconhecer identidades e singularidades das crianças. Ao participar do fazer artístico da criança, o professor vivencia um momento genuíno, em que há uma valorização da arte infantil como processo de construção de novos conhecimentos e saberes.

Na medida em que a criança vivencia diferentes propostas de fazer artístico, ela vai se constituindo das múltiplas linguagens que as Artes Visuais agregam, sendo necessário sempre levar em conta que cada criança criará suas hipóteses, observações e ações nas relações com o mundo. Portanto, quanto mais as instigarmos a aprenderem através do contato com a arte, mais possibilidades ela terá de olhar o mundo, uma vez que suas concepções se ampliam mediante esse contato.

Uma preocupação em relação ao trabalho com a arte na Educação Infantil se refere à intencionalidade de cada proposta pedagógica: qual o objetivo do professor ao realizar uma experiência com anilina, água e cartolina branca, por exemplo? Infelizmente, há professores que intitulam qualquer trabalho com desenhos estereotipados de personagens ou a pintura de um desenho pronto como sendo atividade de arte, desconsiderando a intencionalidade e mesmo a aprendizagem decorrente da proposta. Afinal, em que a atividade desenvolvida agrega ao desenvolvimento da criança?

É importante deixar claro, entretanto, que não se trata de dizer o que é certo ou errado ao se trabalhar com a arte na Educação Infantil, nem muito menos de se dizer como deve ser feito. Trata-se, antes, de um convite à reflexão sobre a maneira de se fazer/propor atividades pedagógicas nesta etapa escolar, a partir de uma análise focada no campo das Artes Visuais.

Acredito que as atividades práticas devem estar atreladas à reflexão teórica e prática do professor. Primeiro, pensar sobre o objetivo que se tem na atividade proposta; durante o desenrolar da aula, observar a receptividade das crianças, as dúvidas que surgem, os questionamentos; e depois da atividade, analisar o que foi válido, o que contribuiu para a formação de um sujeito mais sensível, mais conhecedor da arte. (CUNHA, 2010, p. 62).

O importante, ao se trabalhar a arte com as crianças, é pensar se elas estão sendo convocadas a exporem suas singularidades, pois, quanto maior for o comprometimento e a preocupação em potencializar a arte como meio de expressão, mais diversas serão as concepções de arte que as crianças vivenciarão através das experiências particulares de cada uma. Nesse sentido, enxergo a arte na Educação Infantil como um caminho recheado de aventuras, possibilidades e construção de sentidos. Investigar a forma como a criança pensa e observa o mundo através de suas criações é uma construção pedagógica que pode ser realizada por meio da ação do professor, pois a criação das crianças também pode ser considerada uma fonte documental de seu desenvolvimento e representações.

O papel da escola, assim, seria o de oportunizar às crianças uma diversidade de experiências, a partir das quais elas possam trabalhar suas capacidades de criação, ampliando suas formas expressivas e transformando suas produções em mobilização contínua da imaginação. Lembro, ainda, que muitas crianças são “visuais” e acabam expondo suas ideias e conhecimentos através do processo de criação, ao elaborarem e exporem seus pensamentos por meio de desenhos, por exemplo.

Os desenhos das crianças revelam seus traços culturais e pontos de vista distintos. A reflexão e a observação atenta, durante o percurso criador, possibilitam ao professor o acesso a elementos que influenciaram a constituição do desenho, levando-o a refletir mais profundamente sobre a criança. (CUNHA, 2010, p. 81).

Ao refletir sobre os desenhos das crianças, é interessante destacar que ele, igualmente, é uma forma de o professor observar como as crianças problematizam e verbalizam seus problemas e sentimentos através da ação gráfica. Desenhar, para a criança, não é apenas uma brincadeira ou atividade pedagógica; é uma oportunidade de utilizar sua criatividade e imaginação para expressar suas vivências e modos de olhar o mundo.

Inúmeras vezes, os professores acabam considerando o ato de desenhar como algo simples, sem maior importância, deixando de lado a preocupação em auxiliar a criança em seu desenvolvimento expressivo. Faz-se necessário, assim, pensar em novas ideias e propostas referentes à capacidade de produção artística enraizada em cada criança. Acredito que as crianças sejam como as flores, que necessitam de cuidados, carinho e incentivo para florescer. Uma das formas de

ajudar uma criança florescer seria, justamente, incentivá-la a mostrar que valoriza gosta daquilo que ela criou.

Entender o desenho da criança como pensamento visual é afirmar a criança como sujeito ativo e participativo na construção da sociedade, além de entendê-la como protagonista e construtora de seu conhecimento e de sua história, oportunizando propostas ricas de desenho que auxiliam no seu desenvolvimento integral. (CUNHA, 2010, p. 88).

A problematização acerca do desenho das crianças não diz respeito, igualmente, a uma imposição da forma como os professores devem utilizar o mesmo na Educação Infantil, mas, sim, a um desejo de incentivar a reflexão sobre novas possibilidades de os professores trabalharem as manifestações artísticas junto às crianças. Na mesma linha, penso ser necessário, também, ressaltar a importância de os professores da Educação Infantil proporem às crianças momentos de criação artística em conjunto com os colegas, a partir da formação de pequenos grupos, nos quais elas podem comparar suas criações, socializarem, trocarem ideias, ou mesmo levantarem hipóteses sobre a criação de um. Propiciar o contato com a criação artística dos colegas é uma maneira da criança expor o que pensa ao longo de seu processo criativo, compartilhando seus saberes.

O perceber e o registrar as impressões sobre o mundo ocorrem num processo contínuo- processo expressivo- que vai se modificando na medida em que as crianças tem contato com as linguagens, com os materiais expressivos e com as intervenções dos adultos e de outras crianças. (CUNHA, 2017, p. 16).

É fundamental, portanto, que os professores oportunizem propostas pedagógicas a partir das quais a criança possa explorar seus sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), tendo em vista que o momento de vivência ou contato com a arte é uma dimensão que acaba dando significado à linguagem da criança. Ampliar seu repertório através de experiências significa disponibilizar elementos para que ela seja desafiada a mobilizar sua criatividade, seu processo artístico e sua concepção do mundo externo.

Paralelamente, surge a oportunidade de os professores investigarem os modos de ler as produções das crianças, investigando sua maneira de pensar, suas transformações artísticas e até mesmo seu desenvolvimento ao longo do tempo. É possível observar, ainda, as relações de conhecimento do fazer artístico com a

concepção de mundo que a criança apresenta, ou seja, a forma como ela representa o contexto no qual está inserida.

Destaco, porém, que as crianças vivem períodos do desenvolvimento artístico diferenciados. Por exemplo, uma criança de um ano não irá pegar o pincel e pintar; ela irá tocá-lo, senti-lo, passá-lo no rosto, descobrindo, aos poucos, sua funcionalidade. Já uma criança com quatro anos tem a noção de que o pincel serve para pintar com tinta ou outro material. Com isso, não estou dizendo que as crianças passem por “períodos de criação artística”, mas que seu modo de lidar com os materiais e as propostas vão se modificando na medida e que elas vão crescendo e a partir das intervenções da professora.

Não podemos esquecer que cada criança tem um modo e um ritmo próprio para vivenciar esses períodos, portanto devemos adequar nossas intervenções pedagógicas as peculiaridades de cada uma e as do grupo, respeitando as fantasias, buscas, descobertas e soluções. (CUNHA, 2017, p. 51).

Sendo assim, a criança sempre deverá ser o centro das propostas pedagógicas, mediante as quais o professor deve direcionar suas ações considerando faixa etária, desenvolvimento artístico e interesses. Do mesmo modo, deve levar em consideração as técnicas planejadas, os tempos e espaços, para que possa ser desenvolvido um trabalho com arte balizado pela exploração dos materiais e pela livre expressão artística de cada criança.

Acredito, ainda, ser interessante indicar uma possibilidade em relação ao fazer artístico, que seria a exposição das produções das crianças ao longo do ano, deixando claro o percurso dessas produções. Por meio delas, é possível mostrar o desenvolvimento da expressão e a mudanças ocorridas nos processos relacionados às Artes Visuais, ao desenhar, ao pintar, ao criar, ao inventar e ao vivenciar.

Por fim, a partir do debate estabelecido nesta seção, é possível afirmar que o contato com a arte na Educação Infantil pressupõe motivar o interesse pela produção artística, por meio de momentos de apreciação artística, de intervenção e de discussão conjunta sobre as criações. Além de mediadora de diferentes saberes, a arte alimenta o imaginário, a criatividade e a linguagem infantil.

2.3 ARTE EM PLANEJAMENTO

O ato de planejar é algo cotidiano na vida do ser humano. Planejamos os finais de semana em família, as atividades no trabalho, as tarefas a realizar em casa, as festas de aniversário para os filhos, os passeios, as viagens, etc. Vivemos constantemente planejando.

O planejamento enquanto construção-transformação de representação é uma mediação teórica metodológica para ação, que em função de tal mediação passa a ser consciente e intencional. Tem por finalidade procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário estabelecer as condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo. (VASCONCELOS, 2000, p. 79).

O planejamento é uma forma de traçar caminhos e estabelecer um horizonte, por meio do qual se busca chegar, através da organização de ações que auxiliem a ir ao encontro de determinados objetivos. Planejar é refletir com antecedência o que iremos fazer, como iremos fazer e o porquê. Um planejamento requer, portanto, a tomada de decisões, bem como a preparação e o estabelecimento de objetivos e metas, sendo considerado uma forma de alcançar os resultados almejados em um determinado percurso. Planejar significa traçar direções, sendo um processo contínuo de reflexão sobre as ações empreendidas.

O planejamento eficaz possui clareza e detalhamento, apresentando objetivos focados na aprendizagem e no desenvolvimento infantil, saberes e conhecimentos fundamentais evidenciados, experiências incentivadoras, metodologia que especifique a condução das ações, materiais, tempo e espaços essenciais. (ARRUDA, 2016, p. 21).

Planejar é, igualmente, um momento interessante para que possamos tomar consciência do que estamos buscando. Em virtude disso, faz-se necessário reconhecer a importância do recurso do planejamento no contexto escolar, sobretudo em razão da reflexão suscitada pelo mesmo. Nesse sentido, os professores podem trilhar um caminho de ideias e possibilidades sobre seu fazer, problematizando o ato de planejar durante a prática pedagógica e evidenciando a intencionalidade de cada proposta.

O planejamento é uma peça fundamental para que seja possível desenvolver uma rotina direcionada, ainda que flexível, na Educação Infantil, devido à sua intencionalidade de organizar e estipular objetivos. Ele é considerado o momento no

qual o professor se dedica à pesquisa e à reflexão sobre suas escolhas pedagógicas, definindo as atividades que irá propor, neste caso, para as crianças.

Um planejamento é valido quando nos ajuda a intervir pedagogicamente, quando se torna presente, quando dá visibilidade as nossas observações e avaliações por meio de registros, diários de bordo, de campo. Pelos registros, nossas marcas virão à tona, mostrarão nossos sentimentos e concepções e farão recortes do cotidiano, servindo de janela para nossos pensamentos e imagens. (REDIN, 2017, p. 27).

Assim sendo, o planejamento pode ser concebido como uma bússola para que o professor consiga se orientar em relação às suas decisões, ou como ferramenta que o auxilia a colocar no papel tudo que o pretende realizar com as crianças. Ou seja, o planejamento traz elementos fundamentais para detalhar a metodologia e os objetivos estabelecidos pelo professor, com vistas ao desenvolvimento das crianças.

O planejamento na Educação Infantil é um momento que possibilita o professor encontrar soluções para obter avanços no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, por isso deve ser uma atividade contínua, onde o professor não somente escolhe os conteúdos a serem passados, mas faz todo um processo de acompanhamento onde diagnostica os avanços e dificuldades de toda a turma e também de forma individual, já que é fundamental o professor levar em consideração as peculiaridades e as especificidades de cada criança, já que cada uma tem seu modo de agir, pensar e sentir (JESUS, 2013, p. 3).

O planejamento na Educação Infantil diz respeito, portanto, a uma sistematização que apresenta as etapas desenvolvidas junto às crianças, abordando de forma ampla os espaços, tempos e objetivos trabalhados ao longo do tempo, sendo este diário ou mensal. O planejamento ainda orienta o professor para que ele seja dinâmico, criativo e autêntico, a fim de que as crianças aprendam de forma lúdica.

Assumir um papel reflexivo diante do planejamento é importante para que o professor consiga identificar pontos fracos ou negativos que precisam ser revistos, ou mesmo aspectos que, por terem dado certos, podem ser potencializados e replicados. Outro aspecto de suma relevância se refere à flexibilidade inerente ao planejamento, sobretudo na Educação Infantil. Nem sempre as coisas saem conforme planejado; então, é preciso aprender na prática que algumas propostas serão “especiais” para as crianças e para o professor, mas outras não. Isto é, existirão aqueles em dia que o professor perceberá que fez escolhas erradas, ao

menos para aquele momento, as quais precisarão ser repensadas em propostas pedagógicas futuras.

Planejar, então, é mais do que listar atividades, materiais, fazer planos e executá-los. É permitir-se ousar, errar, acertar, começar novamente, voltar atrás, ir adiante, dar voltas... é desenhar, inscrever na história a capacidade de maravilhar-se com as crianças abrindo caminhos não percorridos. É alimentar a estesia do dia. (REDIN, 2017, p. 37).

Concordo plenamente com a ideia de que planejar não se configura apenas como uma lista de atividades. Colocar ideias no papel é algo simples, mas buscar um planejamento adequado à faixa etária, com significado, e permeado por experiências lúdicas não é fácil e, por isso mesmo, mas precisa ser extremamente valorizado na Educação Infantil.

Uma atitude “nobre” no momento de elaborar o planejamento é pensar na realidade da turma, nos seus interesses, curiosidades e hipóteses. Muitas vezes, esta “simples ação” pode contribuir, decisivamente, para que o planejamento do professor alcance a todos, de forma a favorecer a prática pedagógica através dos diferentes recursos utilizados.

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. (OSTETTO, 2012, p. 177).

Ao elencar os objetivos do planejamento, o professor consegue, ainda, buscar elementos que contemplem os diferentes conhecimentos que pretende trabalhar com as crianças, mapeando ideias e mesmo oportunizando uma reflexão para novas propostas referentes ao tema abordado. Do mesmo modo, faz-se necessário que os professores busquem por atividades que oportunizem experiências que contribuam para socialização e interação com o meio no qual as crianças estão inseridas.

Outro ponto a ser destacado, considerando a temática desta investigação, refere-se ao desenvolvimento de um planejamento com propostas pedagógicas que contemplem, de forma intencional, as Artes Visuais, de maneira a proporcionar às crianças expressarem seus sentimentos e utilizarem a criatividade para expor suas necessidades e percepções através do fazer artístico. Ao me referir, particularmente, ao planejamento relacionado às Artes Visuais, o faço mediante um olhar carregado

de delicadeza e coragem, a fim de que os professores signifiquem, de fato, o momento do contato das crianças com a arte, compreendendo-o como um objetivo educacional.

Planejamento é um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação. (MENEGOLLA & SANT'ANNA, 2001, p. 40).

Acredito que possamos considerar o planejamento como sendo uma atitude crítica estabelecida pelo professor, pois, ao planejar, ele se vale dos conhecimentos sobre o grupo, escolhendo a melhor ou mais adequada metodologia, os objetivos que acredita pertinentes alcançar e, ainda, seleciona propostas pedagógicas de acordo com a faixa etária e os saberes das crianças, sempre relacionando a prática pedagógica com a realidade e o contexto em que a turma está inserida. E, após esta etapa, o professor pode se questionar sobre sua prática docente, se fez ou não as escolhas acertadas.

Por fim, percebo o planejamento como sendo uma espécie de lente que auxilia o professor a procurar por algo que não conseguiria ver sem a mesma, lente que aguça o sentido da visão pedagógica a partir da qual se busca estabelecer objetivos e metas a serem alcançadas. Nesse sentido, ao se entender que a ação de planejar é elaborar, podemos concebê-la como uma dimensão que, de certa forma, decide “[...] que tipo de sociedade e de homem se quer e que tipo de ação educacional é necessária para isso”. Da mesma forma, o planejamento pressupõe “[...] verificar a que distância se está deste tipo de ação e até que ponto se está contribuindo para o resultado final que se pretende”, com o intuito de se “[...] propor uma série orgânica de ações para diminuir essa distância e para contribuir mais para o resultado final estabelecido (GANDIN *apud* ARAUJO 1983, p. 23).

Assim sendo, o planejamento traz consigo a função de organizar e expandir as reflexões do professor, propondo uma comunicação entre o que se pretende e como se pretende chegar às escolhas definidas na ação de planejar. Essa ação, por sua vez, possibilita conexões de ideias, dúvidas, certezas e paradigmas, levando o professor a identificar eventuais obstáculos que emergem no cotidiano escolar.

Enfim, penso que a elaboração de planejamentos na Educação Infantil é um momento precioso, denotando a capacidade do professor em refletir sobre os

diferentes aspectos necessários para atuar no desenvolvimento social, cultural e emocional das crianças de forma significativa. Planejar é, igualmente, um momento de autonomia do professor, no que concerne às suas escolhas e decisões, e de desafios no que se refere à organização da rotina do grupo com o qual trabalha, interage, aprende e ensina.

3. BRICOLANDO

Neste capítulo, apresento os caminhos trilhados na pesquisa, a partir das escolhas metodológicas feitas, uma vez que o percurso investigativo pressupõe, além do aprofundamento teórico, a escolha de um método.

Conforme destacado por Deslandes “toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais”. (1994, p.18). Nesse sentido, após realizar uma incursão conceitual na temática abordada, articulando meus saberes a novos conhecimentos acerca dessa temática, concentro-me agora na apresentação da metodologia eleita, com o intuito de alcançar os objetivos traçados no início deste trabalho.

Como pesquisadora, entendo que devo utilizar minhas curiosidades e hipóteses para continuar em constante movimento, fortalecendo, com isso, a ação reflexiva sobre a problemática tratada. Paralelamente, porém, faz-se necessário o estabelecimento de um caminho que me auxilie a lançar um olhar investigativo, justamente, sobre essas curiosidades e questões, já configuradas como problema de pesquisa; isto é, faz-se necessário o estabelecimento de um percurso metodológico.

Metodologia é uma descrição sucinta dos procedimentos que o pesquisador pretende seguir para alcançar os resultados que propôs no objetivo. Ou seja, se vai usar pesquisa bibliográfica, de campo ou ambas, se vai sistematizar dados estatisticamente ou não e como vai fazer isso, se vai usar tecnologias ou equipamentos, se vai montar banco de dados próprio ou se vai usar bancos já existentes etc. (FERRAREZI, 2013, p. 36).

A partir da opção por uma metodologia específica, pude organizar as reflexões suscitadas a partir do trabalho de campo. Sobre isso, é importante comentar, inicialmente, que estamos diante de uma pesquisa qualitativa exploratória, em relação a qual são sinalizados alguns aspectos quanto às suas características, quais sejam:

Objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto

que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT, 2009, p. 32).

Ou seja, a forma a partir da qual a pesquisa foi conduzida está em consonância com as reflexões apresentadas por Gerhardt. Frente a isso, acredito ser relevante destacar que a pesquisa qualitativa foi de grande benefício, em função da maneira como ela colabora para a compreensão e o entendimento do tema da pesquisa, um tema vinculado, eminentemente, à formação humana. Penso, porém, ser interessante destacar outros aspectos sobre a pesquisa exploratória:

A pesquisa exploratória é o primeiro passo de todo trabalho científico. São finalidades de uma pesquisa exploratória, sobretudo quando bibliográfica, proporcionar maiores informações sobre determinado assunto; facilitar a delimitação de um tema de trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir novo tipo de enfoque para o trabalho que se pretende. Através das pesquisas exploratórias avalia-se as possibilidades de desenvolver uma boa pesquisa sobre determinado assunto. (ANDRADE, 2006, p. 124).

A partir da pesquisa exploratória, portanto, é possível realizar um movimento de aproximação com o objeto de estudo, reunindo informações que orientem questões, reflexões e hipóteses levantadas durante o processo de investigação. Optei, assim, em trabalhar com a pesquisa exploratória devido à sua funcionalidade em voltar a atenção à realidade do objeto de estudo, isto é, o planejamento das Artes Visuais no contexto da Educação Infantil.

Buscando assim encontrar material para saciar meus objetivos sendo eles as questões relacionadas com os princípios que orientam o currículo da Educação Infantil, a maneira como as Artes Visuais se inserem neste currículo. E, por fim, como as Artes Visuais são incluídas no planejamento da Educação Infantil em uma Escola Municipal de Educação Infantil de São Leopoldo.

Como técnica de pesquisa propriamente dita, elejo a bricolagem, considerada uma maneira de “costurar” a construção e reconstrução dos saberes existentes, os quais foram sendo reunidos ao longo do processo de pesquisa, de modo a lançar um olhar considerando os objetivos da investigação.

A palavra francesa *Bricoleur* descreve um faz-tudo que lança mão das ferramentas disponíveis para realizar uma tarefa. Algumas conotações do termo envolvem a malandragem e esperteza, e me lembram os ardis de Hermes, especialmente sua ambiguidade com relação as mensagens dos deuses. Se a hermenêutica veio a indicar a ambiguidade e o caráter

escorregadio do sentido textual, a bricolagem também pode sugerir os elementos inventivos e imaginativos da apresentação de toda a pesquisa formal. (KINCHELOE, 2007, p. 15).

Com a bricolagem é possível ver os achados do trabalho investigativo de forma ativa. Não busco, com isso, uma verdade, mas, sim, uma forma de articular as aprendizagens acerca do tema, para construir conhecimentos mediante os dados trazidos pelas participantes da pesquisa.

Articular e “bricolar”! Fazer as articulações de saberes e as bricolagens metodológicas é fundamental nas pesquisas pós-críticas que realizamos. Procedemos em nossas metodologias de modo a cavar/ produzir/ fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias porque não temos uma única teoria a subsidiar nossos trabalhos e porque não temo um método a adotar. Usamos tudo aquilo que nos serve, que serve aos nossos estudos, que serve para nos informarmos sobre nosso objeto, para encontrarmos um caminho e as condições para que algo novo seja produzido. (PARAÍSO, 2014, p. 35).

Nesse sentido, compreendo a bricolagem como sendo um momento de invenção de territórios, em que se faz necessário articular saberes e metodologias, buscando observar o tema através de diferentes ângulos, que auxiliem a transformar ideias, hipóteses e argumentos. Assim, precisamos encontrar, buscar, juntar e coletar informações para utilizar na pesquisa, articulando o que foi encontrado como forma de contribuição.

A fim de coletar essas informações para o trabalho em questão, optei por três ações distintas: (1) questionário organizado e enviado por meio digital¹; (2) solicitação de fotos de atividades de Artes Visuais, realizadas na escola pelas professoras, no período de uma semana; e (3) solicitação de uma imagem, sem legenda, que, de algum modo, simbolizasse a potência da arte para cada uma das participantes. Esta foi a forma que encontrei para produzir e, posteriormente, costurar dados, de modo a analisá-los com o auxílio das discussões teóricas apresentadas anteriormente.

Recortamos de “lá” de onde inventaram e significaram os métodos, os instrumentos e os procedimentos – e colamos “ali” no nosso trabalho de investigação, que opera com ferramentas teóricas pós críticas e com outras imagens de pensamento. Afinal tudo que foi cortado vai se juntar aos

¹ As respostas do questionário citado acima foram montadas de forma que cada professora participante da pesquisa marcasse uma opção entre as oferecidas delinendo assim as respostas. Mas também se optou em utilizar questões no qual respondessem através de suas visões e concepções.

nossos pressupostos, as nossas premissas e as imagens de pensamentos instituídas nas correntes teóricas com as quais trabalhamos. (PARAÍSO, 2014, p. 36).

Acredito ser importante mencionar que, primeiramente, havia pensado em trabalhar o tema com as professoras através de um grupo focal, que ocorreria em três encontros. No entanto, o tempo disponível para a realização do TCC fez com que eu recuasse da ideia, uma vez que o período para a transcrição e análise desses encontros seria muito curto. Foi diante deste contexto que surgiu a opção de utilizar o questionário online, considerando, igualmente, o tempo escasso que as professoras dispõem para tarefas além das previstas pela escola. Todas as oito participantes trabalham, pelo menos, 30h semanais.

Este questionário, (em anexo) por sua vez, foi estruturado por meio de perguntas gerais e perguntas focadas na relação das professoras com as artes e, em especial, em como essa relação é estabelecida em suas práticas pedagógicas, repercutindo no planejamento. Conforme já destacado, também foi solicitado às participantes fotografias de atividades relacionadas às Artes Visuais, com o cuidado de registrar apenas a atividade em si e não as crianças, bem como o envio de uma imagem de arte que lhes parecesse potente. É, assim, por meio da costura dos dados gerados pelas ações descritas que pretendo estabelecer uma análise, tendo como foco o planejamento em Artes Visuais na Educação Infantil.

4. PLANEJAMENTO EM FOCO

4.1 SOBRE QUEM PLANEJA

Conforme mencionado preliminarmente, procurei produzir dados por meio de uma pesquisa exploratória, realizada mediante a participação de oito professoras de uma escola de Educação Infantil (E.M.E.I) de São Leopoldo, as quais trabalham com turmas de crianças de um a cinco anos de idade.

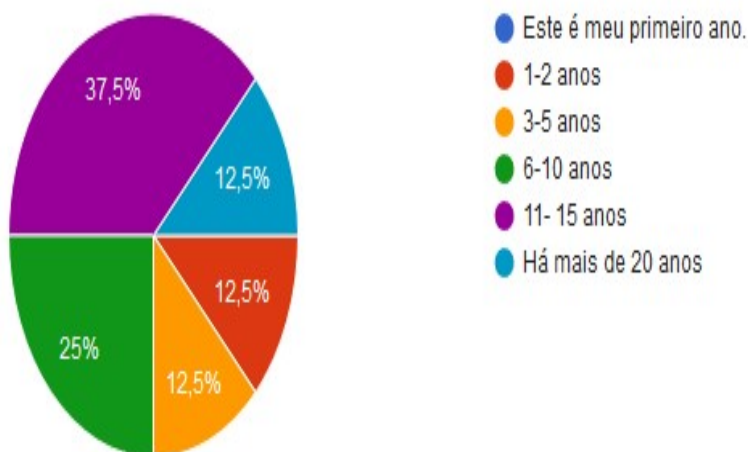
Considerando que um dos objetivos do estudo é conhecer as diferentes visões e concepções acerca das Artes Visuais, trazidas por professoras da Educação Infantil, entende-se ser importante elencar algumas informações sobre os sujeitos da pesquisa, a fim de qualificar as análises propriamente ditas. Essas informações, igualmente, podem ajudar na compreensão acerca das escolhas pedagógicas dessas professoras, no que diz respeito às metodologias empregadas e ao planejamento em arte.

Início comentando sobre a experiência profissional de cada professora participante da pesquisa. As respostas do questionário mostram que metade das entrevistadas já trabalha há mais de dez anos com Educação Infantil, três delas entre três e dez anos e apenas uma iniciou recentemente a docência nesta etapa, isto é, tem entre um e dois anos de magistério na Educação Infantil. Estes dados revelam, de alguma forma, que uma parcela importante das professoras congrega conhecimentos e saberes já amadurecidos, considerando sua trajetória na escola. Há, porém, a participação de professoras que iniciaram sua jornada pedagógica há pouco tempo.

Figura 1 - Tempo de carreira na Educação Infantil

2) Há quanto tempo trabalha como professora da Educação Infantil ?

8 respostas



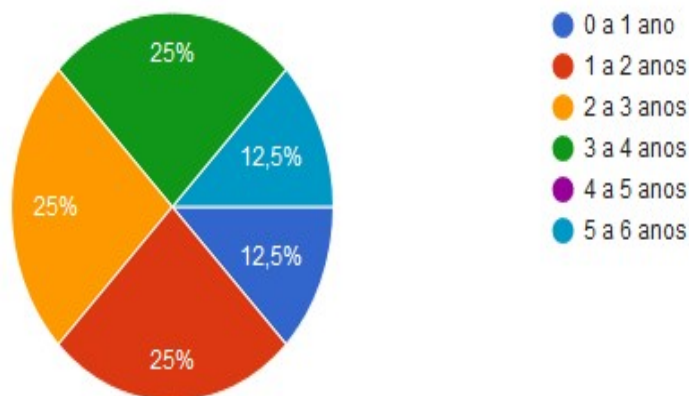
Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

Em relação à faixa etária com a qual as professoras trabalham atualmente, apenas uma delas trabalha com bebês de 0 a 1 ano; uma trabalha com crianças de 3 a 4; e outra com crianças de 5 a 6 anos. Em relação à idade de 2 a 3 anos, duas professoras aparecem vinculadas a essa faixa etária, e outras duas à faixa etária de 1 a 2 anos. Ou seja, temos aqui uma representatividade interessante no que diz respeito às faixas etárias que compreendem a Educação Infantil.

Figura 2 - Faixa-etária que as professoras atuam

3) Com qual faixa etária você trabalha atualmente ?

8 respostas



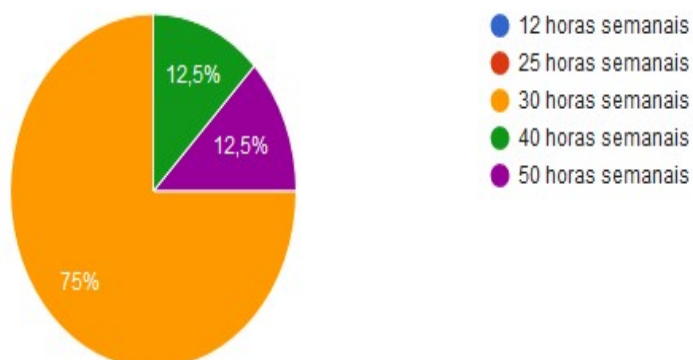
Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

Percebe-se, ainda, que todas as participantes integram a Rede Municipal de São Leopoldo, embora apenas uma das participantes trabalhe 40 horas semanais. Há outra professora que trabalha 50 horas semanais e as demais tem 30h de dedicação à Rede Municipal. Ou seja, todas as professoras passam a maior parte da semana trabalhando com Educação Infantil.

Figura 3 - Horais semanais de trabalho

5) Quantas horas semanais você trabalha com Educação Infantil ?

8 respostas



Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

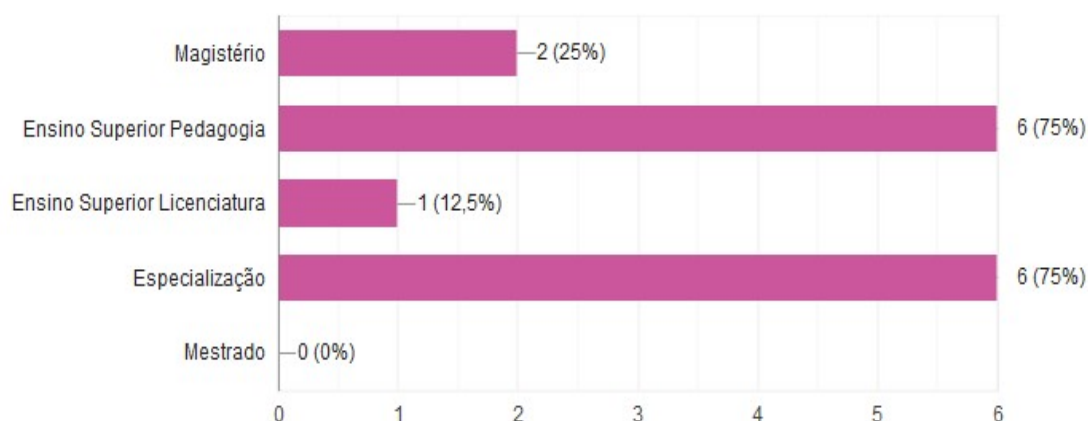
Sobre a formação acadêmica, seis delas são pedagogas, uma é licenciada em Letras e uma tem somente o magistério. É interessante notar ainda que, das oito professoras participantes, seis delas possuem especialização na área. Nesse sentido, trata-se de um grupo com uma carreira já bastante sólida, tanto no que diz respeito aos anos de experiência docente, como no que se refere à formação propriamente dita.

Figura 4 - Formação acadêmica

1) Qual seu nível de formação acadêmica ?



8 respostas



Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

4.2O LUGAR DA ARTE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Ao empreender uma visão ampla sobre o material coletado, foi possível realizar uma análise, na qual procuro trazer pontos relevantes para serem discutidos e refletidos, com o auxílio dos autores que embasam teoricamente a pesquisa. Considerando que, “no espaço escolar, as crianças podem criar, aprender e desenvolver sua arte por meio de experiências planejadas pelos seus professores, por escolhas que fazem diante dos materiais oferecidos [...]” (LAVELBERG, 2017, p. 27), entre outros aspectos, é inevitável nos questionarmos o quanto a formação do professor atua na criação deste contexto propício às descobertas da infância, especialmente, neste caso, em se tratando das descobertas em Artes Visuais.

Assim, é necessário sublinhar a importância do incentivo à arte ao longo da caminhada acadêmica dos professores. Um dos aspectos que, justamente, mais me chamou a atenção foi a maneira como as professoras tiveram contato com a arte ao longo da sua formação, entendida aqui no sentido amplo. A graduação é apontada por sete delas como sendo um dos espaços em que aprenderam sobre arte, o que, de certa forma, já era de se esperar. Considerando que uma das participantes tem apenas o magistério, é possível afirmar que todas tiveram esse contato no decorrer da formação inicial. Já a formação continuada, normalmente ofertada pelas escolas, é mencionada por quatro professoras como um outro contexto em que aprendizagens dessa natureza tiveram lugar.

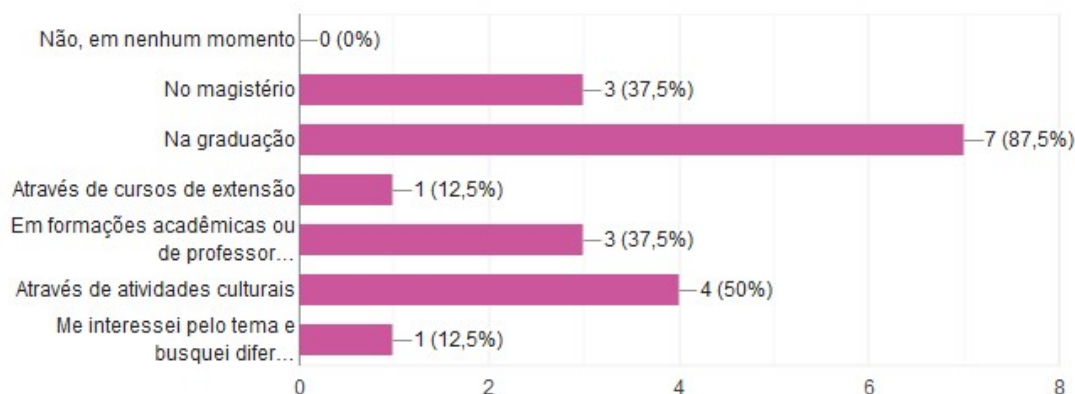
No entanto, ao lançarmos um olhar sobre o interesse pessoal pela arte, os números já não são tão animadores. Apenas uma professora cita a realização de um curso de extensão acerca da temática, talvez a mesma que indique ter buscado, por conta própria, uma experiência formativa na área. Metade das participantes indica atividades culturais como espaços que suscitam em aprendizagem da arte. Se levarmos em conta, que, neste momento, arte não se restringe às Artes Visuais, este dado, por si só, pode indicar o quanto as professoras não costumam incluir atividades culturais em seu cotidiano.

Figura 5 - Contato com a arte na trajetória acadêmica

6) Durante sua trajetória acadêmica, você teve contato com aprendizagens referentes à arte?



8 respostas



Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

De modo geral, podemos dizer que a maior parte das professoras tem contato com a arte e suas aprendizagens através do espaço da infância, quando estão trabalhando, ou em formações pedagógicas. Isso, de certa forma, indica o quanto a presença da arte acaba restringida ao cenário profissional, aparecendo pouco contemplada na vida fora da escola. Nesse sentido, podemos nos perguntar: como professoras que parecem não ter acesso/interesse pela arte irão trabalhar e oportunizar experiências diferenciadas para as crianças? Como potencializar algo, quando esse algo não afeta, significativamente, a vida de quem vai levá-lo para a escola? Me provoca a pensar em que medida o contato com a arte que os professores têm em seu cotidiano agrega valor cultural àquilo que é trabalhado junto às crianças, ainda que considere a relevância da presença das linguagens artísticas também na formação inicial.

Entende-se que a formação inicial com a Arte tem enorme relevância para o pedagogo, pois repercute em sua futura prática docente como reflexão sobre as possibilidades de sua inserção na Educação Infantil e séries iniciais em práticas desenvolvidas por esses educadores. [...] salienta-se a arte como primeira representação infantil, a importância de fomentar habilidades para possibilitar a expressão e a comunicação da criança e a relevância de um repertório cultural e artístico, interligado a metodologias e fundamentos, sobre Arte para uma prática significativa. (BAZZO, 2016, p.10).

Assim sendo, é possível apontar que quanto maior for o contato que o professor tiver com a arte, seja na formação acadêmica ou para além dela, mais potente ela tende a ser tornar aos olhos das crianças. A prática docente na Educação Infantil exige o perfil de um professor qualificado e capaz de significar as aprendizagens através dos diferentes alicerces construídos ao longo de sua jornada acadêmica. Para tanto, ao entender a arte como primeira representação infantil, faz-se imprescindível o investimento em formações nesta área. No entanto, infelizmente, muitas vezes os professores acabam resistindo a experiências de cunho mais cultural que são ofertadas em formações, cursos de extensão, etc., por costumarem direcionar suas reflexões para temas que lhe sejam mais convidativos, como o uso da tecnologia, por exemplo. A arte, por sua vez, costuma ser relegada em detrimento de outros temas, e isso pode afetar ao modo como ela é mobilizada junto às crianças. Segundo Cunha:

[...] ao invés do professor simplesmente disponibilizar materiais, as crianças devem ser desafiadas a explorar os materiais em todas as suas possibilidades, como numa atividade banal com o lápis de cor e papel. Podemos transformar essas propostas simplistas e comuns em uma proposta instigadora e fonte de descobertas, além de conhecermos as hipóteses das crianças sobre o que vamos trabalhar. (1999, p. 57).

É certo que, nos dias atuais, o professor é cercado de inúmeras oportunidades de aprendizagens sobre os diferentes temas. Sendo assim, acredito que os professores podem ter acesso a diferentes cursos e metodologias para agregar novos saberes que complementem sua caminhada. Porém, em razão de “mil e uma” situações cotidianas, eles acabam adiando, deixando de lado, ou para depois algo que seria enriquecedor para sua prática, para a ampliação de seu conhecimento e saberes.

É necessário que o professor tenha disponibilidade e coragem de aprender para que possa, através do exemplo, contribuir para o desenvolvimento de suas crianças. Entretanto, acima de tudo, essa disponibilidade e coragem devam estar diretamente relacionadas à sua formação, ao seu empenho em, constantemente, tornar-se melhor. Assim, vejo na docência um triângulo formado por experiência, investigação e cuidado, três eixos que se complementam para que o professor possa ter uma postura de eterno aprendiz.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1995, p. 25).

Trata-se, portanto, mais de uma postura diante da vida e do trabalho do que propriamente de um acúmulo de certificados. Do exposto, conclui-se que a formação inicial do professor na Educação Infantil lhe permite ter uma pequena noção dos saberes referentes à prática pedagógica, sobretudo as que envolvem arte. No entanto, é necessário que este profissional busque se qualificar, se reinventar, conhecer, estudar, para que possa atender às necessidades das crianças da melhor forma possível.

Podemos notar que a arte, nos últimos anos, tem ganhado espaço nas formações pedagógicas, nos cursos de extensão, entre outros espaços, mas também precisamos ser realistas e afirmar que a adesão nem sempre é alta. De forma alguma, quero dizer que todos “precisam” e “devem” “amar” a arte, mas, sim, chamar a atenção para um caminho de aguçar a visão sensível das crianças e até mesmo pensar sobre um possível apoio no desenvolvimento da infância, com auxílio e valorização da arte, considerando-a uma potência geradora de conhecimentos e saberes.

Aprender Artes Visuais a partir de propostas edu(vo)cativas como as que desenvolvemos leva docentes a inventar processos e a revisitar suas crenças, suas verdades, assumindo uma postura cada vez mais crítica frente as inúmeras situações dadas como prontas. Leva-os a não aceitar a realidade como imutável e a pensar em formas de transgredir o intuito, considerando a docência como um processo em constante transformação, que se constrói diariamente diante da complexidade de posturas e corporeidades presentes dentro de uma sala de aula e dos conflitos existenciais do mundo contemporâneo. (CUNHA, 2017, p. 49).

Sendo assim, é possível apontar que um dos maiores desafios que enfrentamos, enquanto professoras, é organizar ações educativas na Educação Infantil, a partir de metodologias que facilitem o desenvolvimento infantil, entre outros aspectos, através do exercício da arte, propondo uma reflexão sobre suas criações, formas de expressão e modos de ver a vida.

As questões levantadas, nesta seção, são inquietações sobre as quais reflito constantemente, por acreditar ser necessário um diálogo sobre formação de pedagogas, especialmente em se tratado de formação de professoras para a

Educação Infantil. As considerações expostas, assim, têm a intenção de propor uma observação acerca do tema, por meio de uma análise, ainda que breve, do lugar que as Artes Visuais, notadamente, ocupam na vida das participantes da pesquisa.

4.3O (NÃO) LUGAR DA ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO

Ao propormos o encontro da arte na Educação Infantil, conforme já discutido, estamos possibilitando que a criança evidencie seus potenciais de criação, sua liberdade de expressão, seu olhar particular, sua imaginação, e mesmo por meio de que “verdades” ela se constitui. A arte tende a ser plena em sua função de desenvolvimento, reinvenção de sentidos e sensibilidade.

Queiramos ou não, é evidente que a criança já vivencia a Arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano. É óbvio que essa Arte exerce vivas influências estéticas na criança. É óbvio, também, que a criança com ela interage de diversas maneiras. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 43).

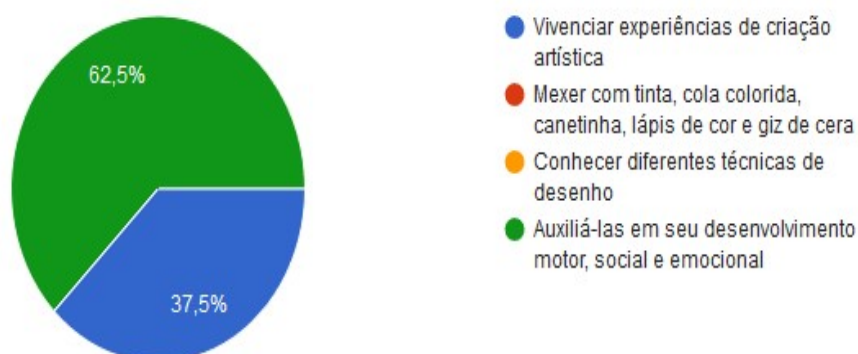
Nesse sentido, podemos ver que a criança vivencia, usualmente, alguns aspectos da arte ao entrar em contato com ela em seu cotidiano. A questão tratada aqui, porém, refere-se ao modo com que as professoras participantes da pesquisa organizam esse contato no contexto escolar, ou, mais precisamente, como elas inserem a arte. A fim de compreendermos tais pontos, é relevante entender, inicialmente, como as professoras concebem a importância da arte na Educação Infantil.

Figura 6 - Opinião das professoras sobre a função da arte

9) Na sua opinião, qual a função da arte na Educação infantil e, particularmente, para as crianças?



8 respostas



Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

Conforme podemos notar, as professoras apontam, em primeiro lugar, para o lugar que a arte ocupa no desenvolvimento motor, social e emocional das crianças. De alguma forma, infere-se a presença da arte como benéfica para aspectos centrais da formação das crianças. Seu papel, porém, tende a extrapolar tais considerações, uma vez que estamos falando de um campo de conhecimento.

O ensino da arte vigente na Educação Infantil, talvez a grande questão seja considerarmos o que a arte proporciona as crianças, para os educadores e para a escola. A escola não tem a função de formar artistas, mas de ensinar a pensar “com a arte”, não apenas sobre a arte. (CUNHA, 2017, p. 68).

Particularmente, percebo que arte e infância se potencializam, na medida em que aparecem unidas a partir de dimensões como linguagens múltiplas, imaginação e criação. Ao mesmo tempo que as crianças usufruem da arte oferecida na escola, elas ampliam a capacidade de entendimento sobre o campo. Assim sendo, sua inserção na Educação Infantil precisa considerar tal premissa, de modo que ela não seja ofertada de forma abstrata e, muitas vezes, supérflua.

Comumente, ao falarmos sobre arte na Educação Infantil, as pessoas logo associam a práticas tradicionais, como desenhar em folhas de ofício, pintar com tinta têmpera para colorir rolinhos de papel higiênico, e assim por diante. Essas práticas,

quando restritivas, limitam as vivências em arte pelas crianças, na medida em que se perde a oportunidade de explorar as inúmeras possibilidades que a arte, e mais especificamente as Artes Visuais trazem consigo.

Não existe uma fórmula ou receita prévia para desenvolvermos um trabalho em arte, do tipo: lista de técnicas e atividades. As técnicas são, meios, não uma finalidade em si. Desenhar sobre lixa não leva necessariamente a expressão ou a exploração matéria ou de instrumentos. Antes de iniciar qualquer trabalho, o professor deve perguntar a si próprio: que conhecimentos em arte quero oportunizar a este grupo? Que interesses devo levar em conta? Como posso sistematizar e avaliar minha proposta? (CUNHA,2017, p. 51).

Que conhecimentos em arte quero oportunizar a este grupo? Esta pergunta parece ser um ponto de partida essencial para o trabalho com as Artes Visuais na escola, sobretudo ao se considerar a intencionalidade indelével do planejamento. Pensar no objetivo antes da metodologia diminui as chances de levarmos a arte “de qualquer jeito” para as crianças. O grande desafio neste âmbito parece ser os professores planejarem pensando em diferentes modos de as crianças vivenciarem a arte, de maneira a produzirem uma nova cultura sobre os diferentes significados e sensibilidades produzidos na infância. Não podemos, ainda, esquecer que cada criança tem seu tempo, períodos de aprendizagem e peculiaridades, cabendo ao professor ofertar atividades pedagógicas em que possa intervir, de modo a favorecer o desenvolvimento da criança, “levando a sério” sua fantasia, criatividade e hipóteses.

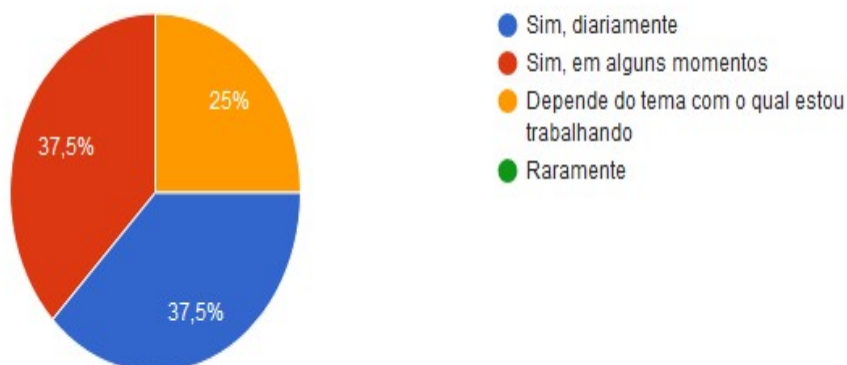
Ao olharmos especificamente para o planejamento em arte, notaremos que algumas professoras inserem a arte em seu planejamento diariamente, também havendo aquelas que a utilizam em momentos específicos e outras que utilizam dependendo do tema com o qual estão trabalhando.

Figura 7 - Planejamento em arte

10) Você inclui a arte em seu planejamento?



8 respostas



Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

Ao atentarmos para as respostas, veremos que nenhuma das participantes comenta que raramente planeja atividades em arte. Entretanto, nota-se, também, uma tendência em se trabalhar com arte, usualmente, mediante a temática que vem sendo levada para as crianças. Ou seja, reconhece-se a potência interdisciplinar da arte, embora seja importante que ela não apareça na escola sempre “a serviço de”, restrita a aprendizagens “por meio da arte”. Isso evidencia, de algum modo, a não compreensão da arte como um conteúdo com características próprias.

Criatividade e artes são processos inteligentes: tanto o produzir quanto o apreciar são comportamentos que requerem operações complexas de análise, comparações e reconhecimentos de cores, texturas, sons, movimentos, tonalidades de vozes e percepções muito sutis e variadas, que exigem noções de espacialidade, sonoridade e domínio corporal, entre outras. As artes não são pautadas apenas no sensível e no intuitivo. (MÖDINGER, 2003, p. 42).

Conforme expressa Mödinger, as artes, seja ela qual for, não estão balizadas somente por aspectos referentes à sensibilidade e à intuição, ainda que se trate de dimensões impossíveis de serem ignoradas. Há uma tendência, porém, em nos guiarmos desta forma, muitas vezes em função da falta de uma formação consistente na área. Com isso, deixa-se passar a oportunidade de se explorar a arte e suas diversas formas de linguagem, pelo fato de a considerarmos, exclusivamente,

como um apoio e não um eixo principal de ensino/aprendizagem. É necessário compreender que a arte, de modo geral, precisa ser compreendida como um processo que envolve múltiplos conhecimentos e experimentações, sendo possível gerar significados e vivências artísticas por meio do trabalho realizado. Ou seja, trata-se de um campo potente de ser trabalhado considerando sob diferentes perspectivas, conforme expresso por uma das participantes.

Ao refletirmos sobre isso podemos notar uma ideia bem abrangente acerca do potencial da arte na escola. As professoras participantes da pesquisa referem-se a importância de estabelecer estratégias para um trabalho em arte, considerando sua repercussão no desenvolvimento das crianças e seu caráter interdisciplinar, sem, com isso, deixar de lado aspectos como a criatividade e a exploração de materiais.

Segundo palavras da professora N° 2:

Profª 2: A arte faz pensar, exige estratégia para ser desenvolvida, trabalha o emocional e também a parte motora e cognitiva. Através das artes trabalhamos diversas áreas do conhecimento. Acredito que uma educação infantil saudável é aquela que possibilita que as crianças sejam desafiadas em sua criatividade, fazendo com que possam criar a partir da exploração de diversos materiais.

Outro ponto recorrente nos gráficos abordados anteriormente trazidas pelas professoras diz respeito à forma como elas “utilizam” as Artes Visuais para trabalhar aspectos cognitivos e motores. Trata-se, sem dúvida, de um aspecto a ser considerado; entretanto, como já mencionado, o objetivo do trabalho com arte não pode ser reduzido a tal aspecto. Criar condições para a criação e a imaginação é um dos pressupostos em se tratando de arte na escola. Nesse sentido, faz-se preciso compreender as Artes Visuais como uma área com conhecimentos específicos; são justamente esses conhecimentos que garantirão um planejamento intencional e consistente em arte.

É evidente a fascinação que essa linguagem desperta em crianças da Educação Infantil, que quando chegam à escola, mostram-se entusiasmadas pela descoberta de novas possibilidades de exploração. Entretanto, essa importante linguagem ainda é muito desvalorizada. As práticas pedagógicas encontradas nas escolas ainda atendem apenas as necessidades biológicas das crianças ou se preocupam demais em prepará-las para o Ensino fundamental. (CUNHA,2017, p.75).

Isto é, de acordo com Cunha, centrar a presença da arte no desenvolvimento biológico das crianças pode se configurar em uma armadilha, do mesmo modo que concebê-la apenas como produto final, como uma parte integrante do portfólio. A arte pode “estar a serviço de muita coisa”, mas ela mesma também precisa ser tratada como “coisa”, entendida aqui como uma linguagem com características e potencial próprios, capaz de estimular a criação da criança, sua manifestação singular, e interação com o mundo. De algum modo, as imagens trazidas pelas professoras evidenciam essa potencialidade.

Figura 8 - Criança em contato com a tinta



Fonte: Arquivo pessoal professora 1 participante da pesquisa

Figura 9 - Borboleta na natureza



Fonte: Arquivo pessoal professora 2 participante da pesquisa

Figura 10 - Desenho infantil



Fonte: Arquivo pessoal professora 3 participante da pesquisa,

Figura 11 - Quadro de parede



Fonte: Arquivo pessoal professora 4 participante da pesquisa

Figura 12 - Varal com atividades artísticas



Fonte: Arquivo pessoal professora 5 participante da pesquisa,

Figura 13 - Pátio escola de educação infantil



Fonte: Arquivo pessoal professora 6 participante da pesquisa

Figura 14 - Representação de uma história em desenho



Fonte: Arquivo pessoal professora 7 participante da pesquisa

Figura 15 - Mesa com desenhos infantis espalhados



Fonte: Arquivo pessoal professora 8 participante da pesquisa

O conjunto de imagens apresentado foi trazido pelas professoras por meio de uma provocação feita por mim: eleger e me enviar uma imagem potente. Embora não tenha me referido, exclusivamente, a uma imagem de arte, é possível notar o quanto o espaço escolar aparece como lugar privilegiado de “potência”. Das oito imagens, seis delas fazem referência ao espaço escolar, sendo que cinco remetem, de algum modo, a trabalhos prática pedagógicas referentes às Artes Visuais.

Uma outra imagem, por sua vez, diz respeito a uma pintura tradicional com cenas da natureza, e uma outra, ainda, traz uma visão da natureza em si, através da foto de uma borboleta. É interessante perceber o quanto a potência aqui aparece em sua relação com a sensibilidade. Sobre isso, chamo a atenção para a imagem da professora 2 como sendo significativa em relação à forma como a criança passa pelas metamorfoses, assim como uma borboleta. Nesse sentido, poderíamos pensar nessa metamorfose que pode ocorrer ao entrar-se em contato com a arte, por meio do desenvolvimento do sensível e da imaginação no decorrer do tempo.

Quando nós professores, acreditamos na possibilidade de a criança transformar a realidade em algo novo a partir da sua imaginação, propiciamos que encontre formas de se expressar através de múltiplas linguagens, a criança se torna protagonista de sua aprendizagem. (CUNHA, 2017, p. 105).

Isto é, é preciso ver a arte na Educação Infantil como uma porta para aprendizagem, e não somente como um muro a serviço de outras aprendizagens. É a partir dessa visão que podemos favorecer um contexto artístico no qual a criança

se torna protagonista da sua história, da criação e da ampliação de olhares sobre o mundo.

4.4O LUGAR DOS MATERIAIS NÃO ESTRUTURADOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao brincar, a criança entra em um território da infância em que a base é o próprio processo de construção de conhecimentos. Através dessa construção, a criança toma decisões, se expressa, interage consigo e com os colegas; enfim, ela adentra em diferentes mundos. O brincar é a parte mais importante ao se tratar da Educação Infantil, por ser um eixo estruturante, devido à maneira como ele permeia todas as experiências de desenvolvimento das crianças.

O respeito incondicional ao brincar e à brincadeira é uma das mais importantes funções da Educação Infantil, não somente por ser no tempo da infância que essa prática social se apresenta com maior intensidade, mas, justamente, por ser ela experiência inaugural de sentir o mundo e experimentar-se, de aprender a criar e inventar linguagens através do exercício lúdico da liberdade de expressão. Assim, não se trata apenas de um domínio da criança, mas de uma expressão cultural específica do ser humano. (BRASIL, 2009, p. 70).

O brincar é uma das formas pela qual a criança pode atuar de forma criativa e usar toda sua imaginação livremente, construindo narrativas recheadas de alegria e significado. Mas, para que isso aconteça, também é necessário que os professores da Educação Infantil garantam um tempo de qualidade em relação ao brincar, ofertando espaços e tempos propícios para as crianças fazerem suas construções de acordo com seus interesses.

Esta garantia, de algum modo, parece refletir nas escolhas das professoras frente a práticas pedagógicas referentes às Artes Visuais. Isso pode ser percebido, por exemplo, na referência à utilização de materiais não estruturados nessas atividades. É praticamente impossível dialogar sobre o brincar sem apontar os materiais não estruturados (cones, carretéis, madeiras, caixas, botões, tecidos, mangueiras, pneus, elementos da natureza, entre outros), em razão da maneira como eles podem potencializar as experiências das crianças durante seu processo criativo. Trago alguns excertos nos quais os materiais não estruturados assumem importância.

*Nesta escola onde trabalho, os desenvolvimentos das atividades são a partir de projetos desenvolvidos semestralmente, podendo ser utilizado para os dois turnos ou por um ou por outro (manhã/tarde). Utilizo uma diversidade de materiais como crepom, palito de picolé, tintas, cola colorida, folha A4, entre outros, também **utilizo bastante materiais não estruturados** como rolo de papel higiênico, de papel toalha, tampinhas de garrafa, garrafas pet, etc. (Professora 1, grifos nossos).*

*Busco um ambiente educador com disponibilidade de materiais de desenho, pintura, fantasias, instrumentos musicais, **materiais não estruturados**, sucata... Momentos onde a criança pode explorar e criar a todo momento, brincando e se desenvolvendo. (Professora 3, grifos nossos).*

Procuo fazer **bastante uso de materiais não estruturados** como sucatas e elementos da natureza, mas as tintas, pincéis também podem e devem ser utilizados. (Professora 7, grifos nossos).

É importante que o professor seja capaz de mobilizar, no espaço da infância, materiais não estruturados, devido ao desafio que propõem à criança quando do contato com eles. Este tipo de material oportuniza a criança desenvolver diferentes capacidades, entre elas a imaginação que se dá através da exploração de materiais, que não têm funções pré-definidas. Sempre é importante sublinhar que:

*Uma sala de Educação Infantil deve ser, antes de mais nada, um cenário muito estimulante, capaz de facilitar e sugerir múltiplas possibilidades de ação. Deve conter materiais de todos os tipos e condições, comerciais e construídos, alguns mais formais e relacionados com atividades acadêmicas e outros provenientes da vida real, de alta qualidade ou descartáveis, de todas as formas, tamanhos. (ZABALZA *apud* MINHÓS 2015 p. 53).*

Sendo assim, os materiais de uma sala de Educação Infantil podem ser divididos entre materiais estruturados, que correspondem àqueles que as crianças manipulam com um objetivo educativo, como, por exemplo: brinquedos, jogos e brincadeiras prontas, propostas por um adulto, que interfere na maneira como a criança deve agir, e materiais não estruturados. Estes, por sua vez, dizem respeito aos objetos utilizados pela criança para criar suas próprias brincadeiras, como: botões, tampinhas, rolinhos, lã, etc. Ou seja, a criança, por meio da interação e do manuseio desses materiais acaba por dar-lhes novos significados.

Ao ser oportunizado à criança momentos em que ela pode desfrutar do brincar, do criar e do fazer de conta, ela assumirá o personagem principal da sua história. Afinal, é ela quem decide, que faz escolhas e muda de opinião, que aprende com os erros e os acertos. O brincar com materiais não estruturados é, de

certa forma, isso: a capacidade de a criança gerar significados a partir de condições favoráveis criadas pelos adultos.

[...] segundo as palavras de Emmi Pikler –“a criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta” e, também, que o não intervencionismo na atividade independente da criança não significa abandoná-la: algumas trocas de olhares, um comentário verbal, uma ajuda em caso de necessidade, o compartilhamento da alegria com quem está feliz, tudo isso indica à criança que ela é uma pessoa importante e querida .(FALK 2011. p.27)

Os meios a partir dos quais a criança realiza suas descobertas são, para mim, uma das belezas suscitadas no dia-a-dia do professor da Educação Infantil. Ver suas crianças evoluindo, desenvolvendo-se com o passar do tempo, a maneira como cada criança explora o que lhe é apresentado, as infinitas possibilidades de a criança tornar-se ator principal de sua própria aprendizagem, tudo isso reflete, de alguma maneira, as escolhas pedagógicas do professor.

Igualmente, ao analisar sua prática pedagógica, o professor pode refletir as atitudes e experiências propostas, o sucesso, e o fracasso de seus investimentos, de maneira a aprender cada vez mais com as vivências e os saberes construídos no espaço escolar. Também não posso deixar de referenciar a importância de os adultos levarem o brincar e os materiais não estruturados a sério, dando espaço para a criança se expressar seguindo sua imaginação. Por meio destes momentos, o professor pode aproveitar para conhecer aspectos da identidade da criança com a qual convive diariamente.

[...] acredito que esse tipo de descoberta sobre os objetos coloca a criança em um papel central, fato que potencializa sua aprendizagem, e ocorre por meio da sua ação de poder iniciar a investigação sobre os materiais dos “conflitos” causados pelos materiais durante as tentativas de combinações feitas entre eles e/ ou com receptáculos, do prazer do êxito ao efetivar soluções nas combinações, da relação física com as propriedades do material disponível, da escolha de posturas para as atuações com o material e, com isso, tendo um papel importante na concentração das crianças. (FOCHI, apud MEIRELES 2015, p.132).

Concordo com as palavras do autor, que corroboram as escolhas das professoras em relação à disponibilização de materiais não estruturados na escola. Afinal, as aprendizagens não acontecem apenas durante atividades pedagógicas direcionadas, rodas de conversas ou a partir da exploração de brinquedos de funcionalidade mais conhecida, mas, principalmente, na interação da criança com os

materiais não estruturados, a partir do chamado brincar heurístico. Para tanto, são necessários professores comprometidos com um fazer pedagógico que acredite e estimule a criança a aprender brincando, que considere cada uma delas em suas particularidades, apoiando-lhes através de gestos, atitudes e olhares.

4.5 PLANEJAMENTO EM FOCO

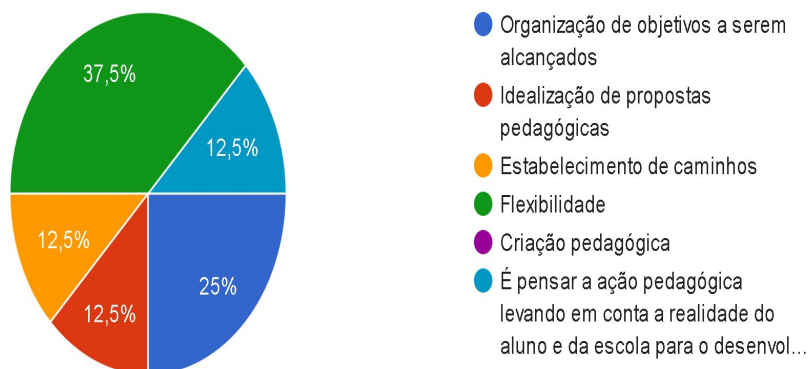
Minha proposta de pesquisa partiu de uma reflexão referente ao espaço da Educação Infantil, dando foco ao planejamento em arte, especialmente as Artes Visuais, com o intuito de compreender a maneira como professoras significam seus olhares para a arte no processo de planejamento. Percebe-se, de modo geral, que as participantes levam seu planejamento a sério, ao fazerem a seleção de instrumentos e metodologias que as auxiliam a chegar naquilo que foi previamente estabelecido por elas. Entretanto, é válido destacar que “[...] um planejamento é muito mais um desenho sinuoso que permite ir e vir dar voltas, ziguezaguear do que uma prescrição linear. Principalmente porque só se concretiza num tempo e espaço mediado pelas crianças e suas culturas. (REDIN, 2017, p. 23).

Este entendimento repercute, de algum modo, na compreensão das professoras sobre este processo. A dimensão flexibilidade assume protagonismo nas definições trazidas por elas acerca do planejamento, compreendendo 37,5% dos apontamentos. Já a organização de objetivos aparece com 25%.

Figura 16 - Qual a melhor definição do planejamento para você?

7) Qual a melhor definição de planejamento para você?

8 respostas



Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

Ou seja, as professoras compreendem que o planejamento precisa ter flexibilidade, pois é sabido que nem sempre conseguimos realizar aquilo a que nos propusemos, sobretudo no contexto da Educação Infantil. Há, com isso, a necessidade de planejar através da observação do cotidiano das crianças, buscando ver além da rotina, mas pensando em propiciar momentos de aprendizagem através de experiências divertidas e curiosas para as crianças. Sendo ainda necessário em outros momentos percorrer novos e diferentes caminhos ao longo do planejamento, momentos em que precisamos mudar as atividades, estratégias e maneiras de abordar o tema. Entretanto, mesmo para isso é preciso preparo, pesquisa e acima de tudo planejamento. Afinal, não podemos perder de vista a mola propulsora da ação de planejar, qual seja: a definição de objetivos de aprendizagem.

Planejar se torna importante para termos consciência dos nossos propósitos e das condições concretas que possuímos ou que podemos buscar para alcançá-los. Planejar é também importante para revermos nossas posturas e avançar em descobertas e criação, mantendo viva a nossa infância adormecida, que pode alimentar nossa capacidade de criar. (REDIN, 2017, p. 26).

Dessa forma, o planejamento assume um papel igualmente reflexivo, a fim de que o professor possa revisar suas escolhas, aguçar sua imaginação, elaborar

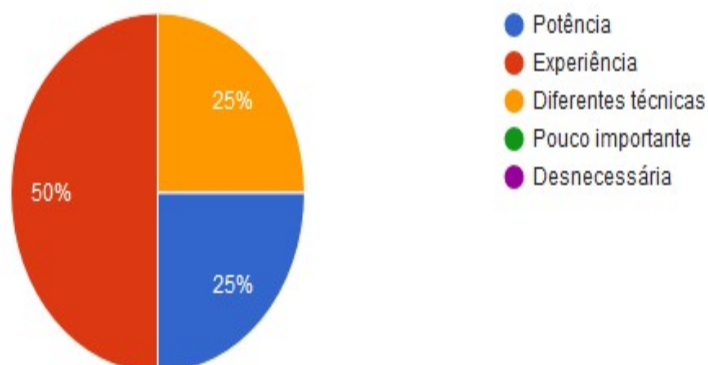
possibilidades, trilhar caminhos, curvas e ideias para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Planejar, na Educação Infantil, é organizar um tempo para se pensar sobre o que se pretende ensinar, levando em consideração os aspectos gerais do grupo, os espaços, as metodologias e os recursos, próprios para aquilo que se pretende desenvolver. Isto é, ao colocar suas escolhas no papel o professor registra e organiza ideias, mas, acima de tudo, reflete sobre como torná-las possíveis.

Pensar sobre como inserir a arte na Educação Infantil deve se configurar, portanto, como parte do processo de planejamento. Isso ganha ainda mais força em razão da importância assumida por ela na Educação Infantil, conforme discussão empreendida no capítulo anterior. Sobre isso, percebe-se o quanto a arte, nesta etapa escolar, é considerada como “experiência” pelas professoras, corroborando algo que é um pressuposto nesta fase: construir, produzir aprendizagem pela experiência, especialmente a experiência do brincar. Da mesma forma, duas participantes associam a arte à palavra “potência”, enquanto outras duas à mobilização de diferentes técnicas.

Figura 17 - A arte na Educação Infantil

8) A arte na Educação Infantil é...

8 respostas



Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

Como podemos ver a relação entre arte e experiência prepondera para as professoras. A importância disso também aparece na preocupação trazida por elas em relação às vivências em arte que proporcione espaços de criação para as crianças. Isso está em consonância com o próprio conceito balizador da BNCC – Educação Infantil, isto é, os campos de experiência. A professora nº 4, mostra em sua fala uma preocupação com a vivência de experiências na educação infantil:

Profª 4: Na minha opinião para os pequenos, é fundamental que tenham contatos com materiais de diversas texturas e experiências, as quais irão fazer parte de suas vidas diárias, aprendendo na manipulação a construção de saberes e experiências fundamentais, além de proporcionar momentos de muita diversão.

A Educação Infantil necessita deste olhar sensível quanto à ampliação de conhecimento e à promoção de experiências significativas como sendo a base para as aprendizagens das crianças. A partir dele, a escola estará propiciando múltiplas maneiras de a criança aprender de forma eficaz e lúdica.

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de *conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se*, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco **campos de experiências**, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. (BNCC, 2017, p. 42, grifos nossos).

Compartilho da perspectiva de que as crianças aprendem através da experiência, do contato com o outro, do diálogo, da exploração e da interação com o meio em que estão inseridas. Sendo assim, ao contemplar a arte em seu planejamento, é importante que o professor leve em consideração a organização de campos de experiência que favoreçam essa perspectiva.

Em relação à frequência com que as professoras incluem a arte em seu planejamento, três delas indicam que o fazem diariamente. Outras três afirmam que a arte aparece apenas em alguns momentos, e há ainda duas professoras que relatam incluí-la dependendo do tema com que estão trabalhando.

Figura 18 - Arte no planejamento

10) Você inclui a arte em seu planejamento?

8 respostas



Fonte: Cópia do gráfico gerado pelo formulário online, de autoria própria

Vale notar, assim, que, embora as professoras incluam a arte em seu planejamento, por vezes isso se dá apenas em decorrência da identificação de um elo interdisciplinar entre o que se está trabalhando e uma linguagem artística específica. Ou seja, há diferentes maneiras de realizar essa inclusão; entretanto, é fundamental que sejam delineados objetivos específicos frente ao que se quer com o fazer artístico proposto.

Acredito que o papel do professor seja promover situações-problema para provocar a criança a refletir sobre suas vivências, modos de ver e sentir a vida. Porém, também cabe a ele estipular as mais diversas formas possíveis de expressividade através de elementos artísticos. Metaforicamente, as crianças podem ser pensadas como jardins em que plantamos a semente da criatividade e da imaginação. É preciso, no entanto, regar, constantemente, para que estas dimensões não murchem em detrimento de atividades estritamente direcionadas. Os campos de experiência são, nesse sentido, direcionadores potentes para um trabalho que garanta esse cuidado.

Cada campo de experiência oferece oportunidades específicas de aprendizagem, mas contribui ao mesmo tempo para realizar as tarefas de desenvolvimento pensadas unitariamente para as crianças entre três e seis anos, em termos de identidade (construção de si, autoestima, confiança nos próprios meios), de autonomia (relação sempre mais consciente com os outros), de competência (como elaboração de conhecimentos, habilidades, atitudes), de cidadania (como atenção as dimensões éticas e sociais). (FINCO, 2015, p. 67).

Ao estudar os campos de experiência, reflito sobre sua capacidade de iluminar teórico-metodologicamente o planejamento do professor da Educação Infantil. Digo isso, pois eles enfatizam a importância de se organizar momentos variados, com vistas a ampliar o repertório social, cultural e imaginativo das crianças. No caso do planejamento em Artes Visuais propriamente dito, a definição de objetivos por meio dos campos atua para a promoção de espaços nos quais a criança possa se expressar e, com isso, aprender o significado daquilo que vivenciou e/ou contemplou, a partir dos propósitos definidos pelo professor.

Assim sendo, considero que os campos de experiência desafiam os professores a apresentar diversas situações que favoreçam a aprendizagem, exigindo, para tanto, uma formação docente consistente. De algum modo, essas situações parecem estar contempladas no planejamento das participantes da pesquisa, em especial ao considerarmos as atividades desenvolvidas por elas junto às crianças, em um período de uma semana, expressas nas imagens que seguem.

Figura 19 - Atividades Artísticas na Educação Infantil



Fonte: Arquivo pessoal professoras participantes da pesquisa

Destaco, neste momento, a prática realizada pela professora número 1: um trabalho que estimula a aprendizagem através do contato com as diferentes possibilidades táteis, aguçando a coordenação motora, criatividade e o próprio sentimento das crianças.

Figura 20 - Atividade pedagógica envolvendo a arte



Fonte: Arquivo pessoal professora 1 participante da pesquisa

Como é possível perceber, esta professora utiliza um recurso relativamente comum, mas de modo diferenciado em sua prática pedagógica. Ela poderia ter realizado esta atividade com tinta, com impressões, contornando a mão e o pé da criança, etc., mas optou por privilegiar a experiência do sentir, explorando a coordenação motora de uma outra forma.

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. (BRASIL, 1998, p. 26).

Ainda que indiretamente, o trabalho desenvolvido pelas professoras já parece estabelecer relações entre as Artes Visuais e os campos de experiência previstos para a Educação Infantil. Por meio das imagens, pode-se notar a exploração de diferentes materiais, bem como formas diversas de utilizá-los. Ratifica-se, assim, a importância de o professor transpor para o planejamento suas pesquisas, estudos e repertório, como forma de instigar a curiosidade e envolver as crianças. Para que isso aconteça, porém, é de extrema necessidade, também, um olhar sensível à arte, um olhar diferente, que considere a criança e a arte, ambas sem sua singularidade.

Logo, o encontro entre infância e arte, e principalmente com a arte que nos é contemporânea, nos aparece como uma aventura e ao mesmo tempo desafio. Sem manual ou receitas pedagógicas, é um desafio que espera pelo olhar sensível e curioso do professor a

procura de possibilidades para tornar a rotina escolar mais rica em experiência e sentido. Para isso, é preciso se desacomodar, estando aberto ao novo e diferente que surgir na interação com a arte, e intenção para promover esses encontros que se mostram tão significativos para a formação. (DELAVALD, 2012 p. 16).

Assim, entende-se que a arte deva ocupar um lugar no planejamento sempre de maneira sensível e curiosa, sem desconsiderar, no entanto, os conhecimentos intrínsecos ao campo. É a articulação destas dimensões que favorecerão a criação de espaços onde a criança viva de forma plena o processo de construção artística, expressando-se, ampliando o repertório e sentindo, por que não? o inédito e o inexplicável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou contribuir com estudos referentes à importância da arte e seu planejamento no contexto da Educação Infantil, levando em consideração a formação e as escolhas pedagógicas do professor. Nesse sentido, o objetivo principal da pesquisa foi o de compreender o lugar ocupado, em especial, pelas Artes Visuais no planejamento de professoras que atuam na Educação Infantil em uma escola pertencente à Rede Municipal de São Leopoldo.

Para tanto, optei por utilizar como metodologia o processo de bricolagem, uma vez que entendi que a resposta a um questionário poderia ser insuficiente para me apropriar, de algum modo, do cotidiano de planejamento das professoras participantes. Assim, além do questionário, solicitei a elas, igualmente, que me enviassem fotos referentes ao trabalho com Artes Visuais, realizado no período de uma semana, bem como me encaminhassem uma imagem de arte que considerassem potente. A costura destas três dimensões, por sua vez, me ajudou a olhar de maneira mais complexa para os dados produzidos através da investigação.

Esses dados, de algum modo, possibilitaram um aprofundamento sobre a temática, no que diz respeito, especificamente, às cinco categorias privilegiadas no capítulo anterior. Inicialmente, é possível afirmar que a maior parte das professoras possui uma experiência significativa no magistério, além de sólida formação acadêmica; seis delas, inclusive, têm especialização na área. Em contrapartida, elas parecem não privilegiar formações e cursos sobre arte, inclusive não evidenciando o interesse pela inclusão de atividades culturais em seu cotidiano.

Talvez isso se reflita, entre outros aspectos, no próprio tratamento às Artes Visuais no que diz respeito ao processo de planejamento. Ainda que elas estejam contempladas, sua inserção, ao que tudo indica, está mais relacionada ao desenvolvimento das crianças, seja ele motor, social ou cultural ou associada ao trabalho com outras temáticas. Isto é, não fica evidenciado um tratamento às Artes Visuais como campo de conhecimento, construído mediante especificidades inerentes à área.

Entretanto, ao atentarmos para o planejamento das professoras, notaremos que o mesmo é realizado mediante uma concepção de infância bastante atual, a partir da qual a centralidade da criança nos processos escolares se faz presente. Como exemplo, temos a frequente utilização de materiais não estruturados nos trabalhos com

Artes Visuais, que pressupõe uma ação autônoma das crianças e o respeito à sua imaginação e ao seu processo criativo.

Do mesmo modo, nota-se a preocupação das professoras em criar diferentes espaços de criação, bem como em disponibilizar materiais diversos, o que denota, em alguma medida, a intencionalidade do planejamento. No entanto, como ponto de atenção, sublinha-se a necessidade de, mesmo na Educação Infantil, em que a flexibilidade do planejamento se faz ainda mais evidente, não deixar que os meios se sobreponham aos fins, isto é, de não eleger metodologia e materiais sem se estabelecer um objetivo prévio.

Por fim, ao fazer uma retrospectiva em relação à pesquisa, questiono-me se minha intenção inicial foi alcançada. Fui explorando item por item daqueles mencionados na introdução, a fim de me certificar se havia ou não realizado um trabalho consistente e comprometido acerca da temática. A partir desse percurso, entendo que houve um aprofundamento teórico no que diz respeito ao currículo e ao planejamento da arte na Educação Infantil. Do mesmo modo, entendo que os achados suscitados pelo processo de bricolagem auxiliam na compreensão do problema delineado, embora o tempo empreendido na investigação tenha dificultado uma exploração maior dos dados obtidos.

Assim sendo, como forma de aprofundar o tema, sugeriria uma futura pesquisa que abrangesse, além da Educação Infantil, os Anos Iniciais e Finais e o próprio Ensino Médio, uma vez que, ao que tudo indica, o lugar dado à arte costuma ir desaparecendo ao longo da trajetória escolar.

Acredito que, para um pesquisador, um tema não chegue jamais. Hoje, posso dizer, me sinto um pouco pesquisadora, por parecer ter entrado em um círculo vicioso de querer saber sempre mais. Menciono isso de forma bem pessoal mesmo, pois, para mim, a temática da arte na escola tende a guiar toda a minha inserção profissional. Assumo, com isso, o compromisso de continuar a refletir, questionar, argumentar e estudar sempre, para que, assim, possa contribuir teórico e metodologicamente com os estudos na área, que serão sempre, para mim, sinônimos de pesquisa e paixão.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo:Atlas,2006.
- ARRUDA, A. P., et al. **Planejamento**. In: LONDRINA, **Caderno de Orientações para o Trabalho Pedagógico na Educação Infantil**, Secretaria de Educação,2016.
- BAZZO, Andréia Regina. **Pedagogia e arte: experiências de formação**. Eixo – Ensino e Práticas nas Licenciaturas Agência Financiadora: IFC –Camboriú:2016.
- BRASIL. MEC/SEB. **Práticas cotidianas na Educação Infantil: Bases para reflexão sobre as orientações curriculares**. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de Orientação Curricular para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.
- CUNHA, Suzana Rangel Vieira da (org.) **As artes do universo infantil**. Porto Alegre: Mediação,2017.
- CUNHA, Suzana Rangel Vieira da (org.) **Arte contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017.
- CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo? : pesquisas pós-críticas em Educação** – Petropolis, RJ: Vozes, 2001.
- CUNHA, Suzana Rangel Vieira. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- DELAVALD, Carini C. **Infância e arte contemporânea: um encontro possível para formação**. Seminario de pesquisa em educação da região Sul. UFRGS,2012.
- DESLANDES, S. E. **A construção do projeto de pesquisa**. In: MINAYO,M. C. S. (Org.). **Pesquisa social. teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 31-50.
- FINCO, Daniela, Maria Carmen Silveira Barbosa, Ana Lucia Goulart de Faria (organizadoras). **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro** – Campinas, SP: 2015.
- FARIA, Vitória Libia Barreto de. **Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica**. São Paulo: Ática,2012.
- FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos a experiência de Lóczy**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011
- FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERRAREZI, Celso Junior. **Guia do trabalho científico do projeto a redação final**. São Paulo: Contexto, 2013.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação autonomia e saber -fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015

GERHARDT, Tatiana Engel (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

GOMBRICH, Ernest Hans. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

IABELBERG, R. Para **Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2009

JESUS, Degiane Amorim Dermiro de. **A importância do planejamento e da rotina na educação infantil**. II Jornada de didática e I seminário de pesquisa do CEMAD, 12 de Setembro de 2013.

KINCHELOE, Joe L. **Pesquisa em educação conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LIMA, Sidiney Peterson Ferreira. **Arte e pedagogia: a margem faz parte do rio**. São Paulo: Porto de ideias, 2017

MARTINS, Mirian Celeste. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010b.

MENEGOLLA, Maximiliano. SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

MEYER, Dagmar Estermann, Marlucy Alves Paraiso,(org.). **Metodologias de pesquisas pós críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

MÖDINGER, Carlos Roberto (et al.). **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Erechim: Edelbra, 2012.

MORREIRA, Antônio Flavio Barbosa. **Currículo: Políticas e práticas** – Campinas, SP: Papyrus 1999.

MORREIRA, Antônio Flavio Barbosa. **Currículo: Questões atuais**– Campinas, SP: Papyrus 1997.

NÓVOA, A. **Concepções e práticas de formação contínua de professores**. In:Universidade de Aveiro: Formação contínua de professores: realidades e perspectivas. Aveiro, set 1991

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Encontros e encantamentos na educação Infantil**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

PADILHA, P. R. **Planejamento Dialógico: Como construir o projeto político pedagógico da escola**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

REDIN, Marita Martins. **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

SILVA, T.T da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

SILVA, Elizangela Aparecida. **Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo**. *Pedagogia em ação*, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010 – Semestral

VASCONCELLOS, C dos S. **Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e projeto político pedagógico**. São Paulo, Libertad, 2000.

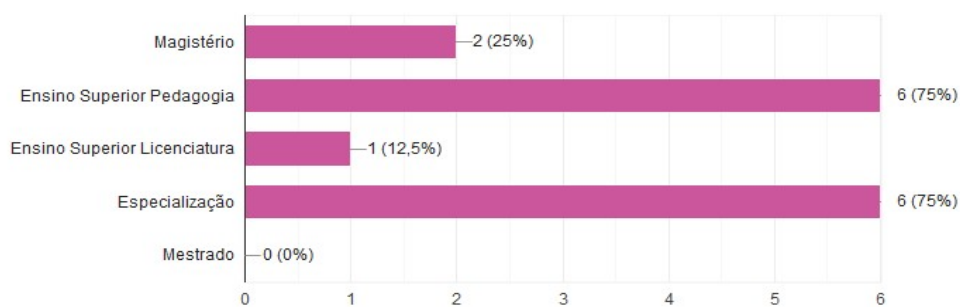
ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXO:

Formulário FORMS, enviado por e-mail para as professoras participantes da pesquisa

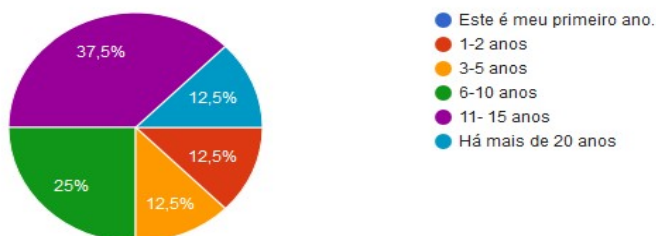
1) Qual seu nível de formação acadêmica ?

8 respostas



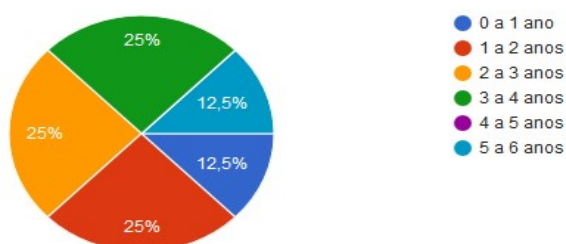
2) Há quanto tempo trabalha como professora da Educação Infantil ?

8 respostas



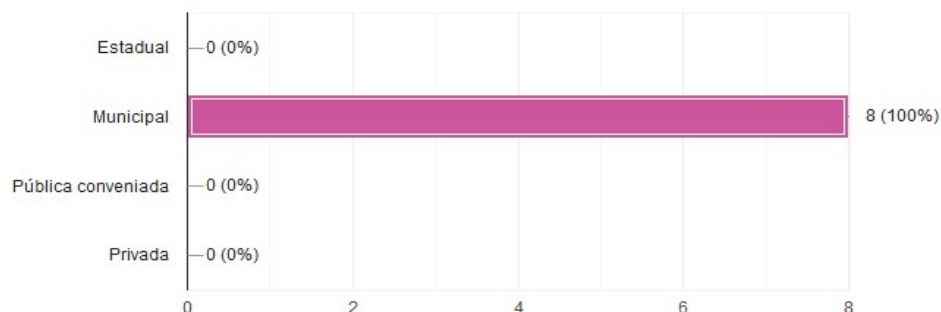
3) Com qual faixa etária você trabalha atualmente ?

8 respostas



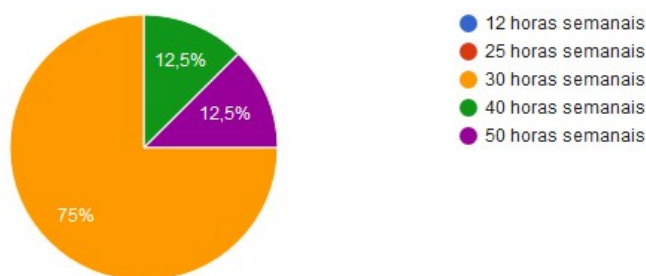
4) Você atua como professora de Educação Infantil em qual(ais) rede(s)?

8 respostas



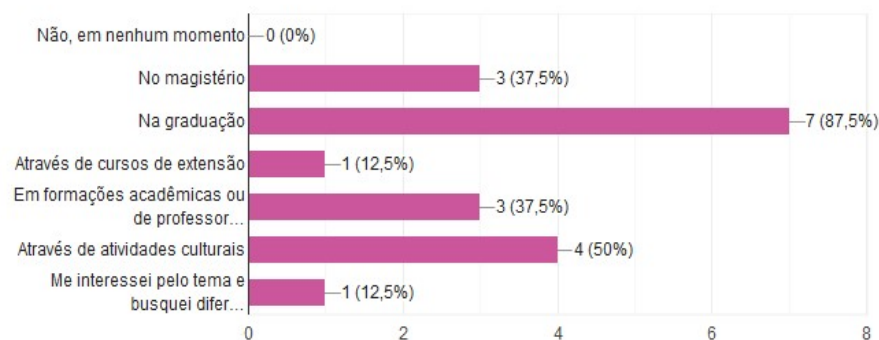
5) Quantas horas semanais você trabalha com Educação Infantil ?

8 respostas



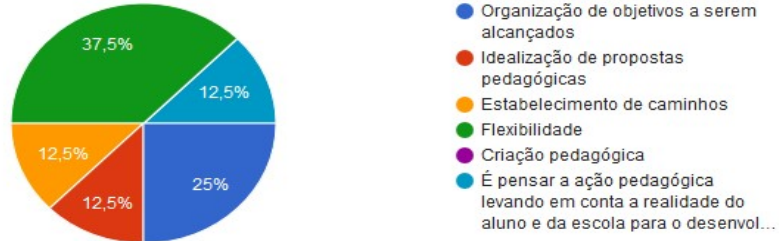
6) Durante sua trajetória acadêmica, você teve contato com aprendizagens referentes à arte?

8 respostas



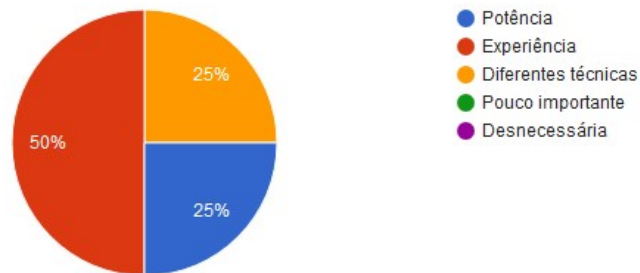
7) Qual a melhor definição de planejamento para você?

8 respostas



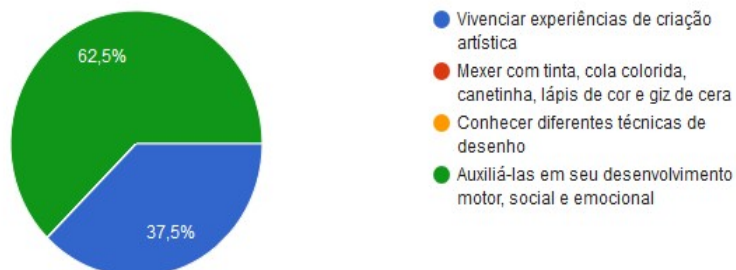
8) A arte na Educação Infantil é...

8 respostas



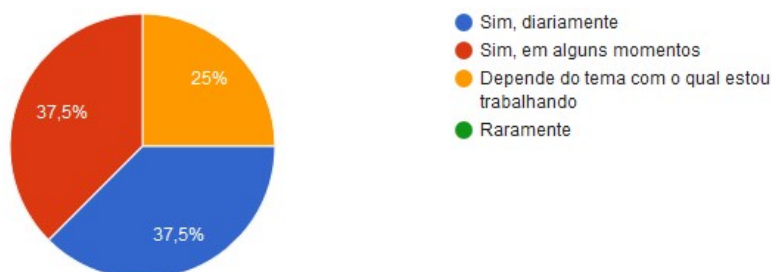
9) Na sua opinião, qual a função da arte na Educação infantil e, particularmente, para as crianças?

8 respostas



10) Você inclui a arte em seu planejamento?

8 respostas



11) Ao realizar seu planejamento, como costuma contemplar a arte, de modo mais direcionado ou garantindo espaços de livre expressão? Explique.

Profª 1: Geralmente proporcionou espaços onde eles possam vivenciar experiências através de manipulação e a própria criação.

Profª 2: Através das duas opções, depende do tema que estou trabalhando e o objetivo que quero alcançar.

Profª 3: Desenvolvo minhas aulas com crianças bem pequenas, e mesmo quando são direcionados os desenhos e as pinturas deixo sempre elas escolherem as cores, desenhar o que mais gostaram na história contada, e nas músicas deixo que escolham variedades pra cantamos juntos.

Profª 4: Devido a faixa etária que trabalho, proponho espaços de livre expressão, oportunizando experiências diversificadas, com materiais diversos, não se detendo em materiais apenas de uso escolar.

Profª 5: Ambiente educador com disponibilidade de materiais de desenho, pintura, fantasias, instrumentos musicais, materiais não estruturados, sucata... Profª 6: Onde a criança pode explorar e criar a todo momento, brincando e se desenvolvendo.

Profª 7: Planejo conforme proposta curricular para a faixa etária na qual trabalho e sempre incluiu as atividades com mais diferentes recursos.

Profª 8: As duas. Depende dos objetivos que quero alcançar. por vezes se torna necessário direcionar em outros momentos a exploração livre é o caminho na maioria das vezes mais livre, porém com o olhar e orientações necessárias.

12) Que metodologias e materiais você costuma utilizar ao trabalhar com a arte na educação infantil?

Profª 1: Uso material não estruturado, titãs, texturas, gravuras, objetos da natureza folhas, sementes,etc.

Profª 2: Costumo partir de histórias infantis, datas comemorativas, músicas, etc. como materiais gosto muito, além dos convencionais, sucatas e materiais não estruturados.

Profª 3: Nesta escola onde trabalho, o desenvolvimento das atividades é a partir de projetos desenvolvidos semestralmente, podendo ser utilizado para os dois turnos ou um por turno (manhã/tarde). Utilizo uma diversidade de matérias como eva, crepom, palitos de picolé, tintas, cola colorida e branca, folha a4, entre outros, também utilizo bastante materiais não estruturados como rolo de papel, tampinhas de garrafas, garrafas pet e etc.

Profª 4: sucatas e materiais não estruturados, além de tintas colas coloridas e diferentes texturas. a base do meu trabalho é o lúdico e o concreto.

Profª 5: Com as crianças trabalhamos de forma lúdica e a arte faz parte da educação infantil sendo a principal linguagem para abordar qualquer conteúdo. canções e instrumentos musicais e coreografias, teatro e interpretações com gestos, técnicas de pinturas e desenhos com exposição das telas na decoração da sala, esculturas e maquetes manipulando argila, terra, sementes , água, madeira, sucatas reproduções através de observações.

Profª 6: Devido a trabalhar com bebês acabo utilizando mais tinta, cola colorida, areia colorida, etc...

Profª 7: Procuo fazer bastante uso de materiais não estruturados como sucatas e elementos da natureza. Mas as tintas, pincéis também podem e devem ser utilizados.

Profª 8: tintas, canetinhas hidrocor, giz de cera, lápis de cor, cola colorida, materiais não estruturados etc.

13) Em poucas palavras, explique a importância de a criança ter contato com a arte desde a educação infantil. Caso ache desnecessário esse contato, explique o porquê.

Profª 1: É importante para que ela se desenvolva cognitivamente, afetivamente e também exercite sua coordenação motora. Tornando-se um indivíduo autocrítico e que saiba se expressar com mais facilidade. a arte é essencial para o processo de formação intelectual da criança.

Profª 2: A arte faz pensar, exige estratégia para ser desenvolvida, trabalha o emocional e também a parte motora e cognitiva. Através das artes trabalhamos diversas áreas do conhecimento. Acredito que uma educação infantil saudável é

aquela que possibilita que as crianças sejam desafiadas em sua criatividade, fazendo com que possam criar a partir da exploração de diversos materiais.

Profª 3: acho de suma importância a arte na educação infantil, possibilita a criança se expressar com a arte, seja representando no teatro, cantando uma música desconhecida, desenvolvendo sua criatividade, sua motricidade, enfim dando asas a sua imaginação.

Profª 4: Na minha opinião para os pequenos, é fundamental que tenham contatos com materiais de diversas texturas e experiências, as quais irão fazer parte de suas vidas diárias, aprendendo na manipulação a construção de saberes e experiências fundamentais, além de proporcionar momentos de muita diversão.

Profª 5: através da arte a criança se comunica, participa, explora, brinca, se movimenta, de forma natural trabalha a criatividade a imaginação, as emoções e sentimentos, aspectos cognitivos e motores além de auxiliar a entender sua identidade e percepções de mundo.

Profª 6: Acredito que seja importante para desenvolver amplas habilidades, coordenação, exploração de diferentes materiais, ampliando assim seu desenvolvimento em todas as áreas.

Profª 7: É de grande importância, pós, é através da observação e da interação nas manifestações artísticas que a criança desenvolve o gosto pela arte, história e cultura da comunidade da qual ela faz parte. Além, é claro, de auxiliar no desenvolvimento da motricidade e capacidades cognitivas.

Profª 8: É necessário para desenvolver habilidades motoras, criatividade e potencialidades.